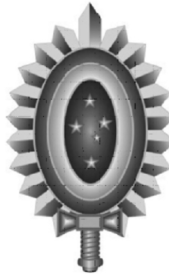
EB70-MC-10.222



MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

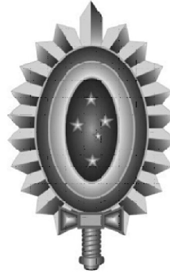
COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha

A CAVALARIA NAS OPERAÇÕES

1ª Edição
2018

EB70-MC-10.222



MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha

A CAVALARIA NAS OPERAÇÕES

1ª Edição
2018

PORTARIA Nº 127-COTER, DE 31 DE OUTUBRO DE 2018

Aprova o Manual de Campanha EB70-MC-10.222 - A Cavalaria nas Operações, 1ª Edição, 2018, e dá outras providências.

O **COMANDANTE DE OPERAÇÕES TERRESTRES**, no uso da atribuição que lhe confere o inciso III do art. 11 do Regulamento do Comando de Operações Terrestres (EB10-R-06.001), aprovado pela Portaria do Comandante do Exército nº 691, de 14 de julho de 2014, e de acordo com o que estabelece o inciso II do art. 16 das INSTRUÇÕES GERAIS PARA O SISTEMA DE DOUTRINA MILITAR TERRESTRE – SIDOMT (EB10-IG-01.005), 5ª Edição, aprovadas pela Portaria do Comandante do Exército nº 1.550, de 8 de novembro de 2017,

RESOLVE:

Art. 1º Aprovar o Manual de Campanha EB70-MC-10.222 – A Cavalaria nas Operações, 1ª Edição, 2018, que com esta baixa.

Art. 2º Determinar que esta Portaria entre em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogar o Manual de Campanha C 2-1 Emprego da Cavalaria, 2ª Edição, 1999, aprovado pela Portaria n° 112-EME, de 06 de dezembro de 1999.

Gen Ex JOSÉ LUIZ DIAS FREITAS
Comandante de Operações Terrestres

(Publicado no Boletim do Exército nº 50, de 14 de dezembro de 2018)

As sugestões para o aperfeiçoamento desta publicação, relacionadas aos conceitos e/ou à forma, devem ser remetidas para o *e-mail:* portal.cdoutex@coter.eb.mil.br ou registradas no *site* do Centro de Doutrina do Exército http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/fale-conosco

A tabela a seguir apresenta uma forma de relatar as sugestões dos leitores.

Manual	Item	Redação Atual	Redação Sugerida	Observação/Comentário

FOLHA REGISTRO DE MODIFICAÇÕES (FRM)

NÚMERO DE ORDEM	ATO DE APROVAÇÃO	PÁGINAS AFETADAS	DATA

ÍNDICE DE ASSUNTOS

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 FINALIDADE

1.1.1 Esta publicação apresenta a doutrina básica para emprego da arma de Cavalaria e a forma como ela se insere no contexto das operações da Força Terrestre do Exército Brasileiro, servindo de base para a elaboração e publicação de outros manuais da Arma.

1.1.2 Estabelece, de forma abrangente, os fundamentos e conceitos gerais de emprego tático das organizações militares (OM) de Cavalaria, suas possibilidades e suas limitações.

1.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.2.1 Este manual toma por base, principalmente, os seguintes manuais: EB-20-MF-10.102 / DOUTRINA MILITAR TERRESTRE; EB70-MC-10.223/OPERAÇÕES e EB70-MC-10.202/OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS. Alguns conceitos desses manuais são basilares para o entendimento do presente manual de campanha (MC).

1.2.2 Aborda aspectos básicos da doutrina de emprego e da estrutura organizacional das OM de Cavalaria, deixando os detalhes para outros manuais específicos.

1.3 A CAVALARIA E O COMBATE NO AMPLO ESPECTRO DOS CONFLITOS

1.3.1 Os elementos de Cavalaria são empregados, em situações de guerra e de não guerra, como parte do poder militar terrestre, executando operações ofensivas, defensivas e de cooperação e coordenação com agências.

1.3.2 O menor escalão da Força Terrestre (F Ter) apto a combinar atitudes é a Divisão de Exército (DE). A combinação de atitudes se dá pela execução de pelo menos duas operações básicas, simultaneamente, por uma mesma força.

1.3.3 Na condução das operações militares no amplo espectro dos conflitos, a aplicação dos princípios de guerra representa importante fator para o êxito no cumprimento das missões, sendo essencial ao exercício do comando e à execução bem-sucedida das ações táticas em todos os escalões.

1.3.4 Por suas características de emprego e constituição de seus elementos de manobra, a Cavalaria apresenta flexibilidade suficiente para adaptar-se rapidamente às mudanças de situação tática do ambiente operacional.

1.4 A GUERRA DE MOVIMENTO

1.4.1 Preconiza a busca da decisão da batalha terrestre por meio de ações ofensivas extremamente rápidas e profundas, convenientemente apoiadas, orientadas sobre segmentos vulneráveis do dispositivo do inimigo e conduzidas a cavaleiro dos eixos disponíveis, em frentes amplas e descontínuas.

1.4.2 A aplicação desse conceito operacional deve resultar em um quadro tático caracterizado por grande dinamismo, pela importância da obtenção da surpresa, pela descentralização das operações e pelo caráter fundamental da tomada e manutenção da iniciativa, em todos os escalões e níveis de comando.

1.4.3 A conquista e a manutenção da iniciativa obriga o inimigo a reagir às nossas ações, levando-o a tomar uma série de decisões cada vez mais desordenadas e ineficientes.

1.4.4 A pressão constante sobre as forças inimigas, impedindo-as de se reorganizar e de apresentar qualquer forma de resistência, deve nortear a condução das ações de uma tropa de Cavalaria.

1.4.5 Esse conceito operacional é básico para o planejamento das operações de Cavalaria, particularmente da blindada e da mecanizada, atuando em área de operações continental (AOC). Ele impacta diretamente a maneira de combater dessas tropas, o seu equipamento, instrução e adestramento.

CAPÍTULO II

A CAVALARIA

2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

2.1.1 A arma de Cavalaria é dotada de unidades (U) de combate de distintas naturezas, todas aptas a realizar as diferentes atividades e tarefas inerentes às operações terrestres.

2.1.2 A Cavalaria tem suas características básicas de emprego definidas pela conjugação harmônica das peculiaridades dos seus meios. São características básicas da Cavalaria: mobilidade; potência de fogo; proteção blindada; ação de choque; e sistema de comunicações amplo e flexível.

2.1.2.1 Mobilidade - é a característica primordial da Cavalaria, que permite a realização de manobras rápidas e flexíveis em terreno diversificado, bem como a obtenção, no mais alto grau, dos efeitos da aplicação do princípio da surpresa.

2.1.2.2 Potência de Fogo - é proporcionada pela variedade e pelo calibre do armamento de dotação de suas viaturas blindadas e mecanizadas, bem como pela capacidade de estocagem de munições nessas viaturas.

2.1.2.3 Proteção Blindada - oferece razoável grau de segurança aos elementos de manobra por meio da blindagem das viaturas de dotação.

2.1.2.4 Ação de Choque - é o efeito sobre o inimigo que resulta da combinação sinérgica de mobilidade, potência de fogo e proteção blindada.

2.1.2.5 Sistema de Comunicações Amplo e Flexível - proporcionado pelos equipamentos de comunicações orgânicos dos meios blindados e mecanizados, que permitem estabelecer ligações rápidas entre os diversos escalões dos elementos de manobra, garantindo a coordenação das ações e a rápida transmissão de informações.

2.1.3 Em decorrência da combinação das características básicas, resultam em propriedades gerais que definem o emprego das OM de Cavalaria: flexibilidade; capacidade de manobra; capacidade de combate; capacidade de durar na ação; capacidade de se informar e de se cobrir; e aptidão dos seus quadros.

2.1.3.1 Flexibilidade - produto da mobilidade e do sistema de comunicações, somado à estrutura organizacional das unidades de Cavalaria, o que permite que essas OM sejam organizadas de forma adequada para o cumprimento de uma missão específica. Possibilita a mudança da organização para o combate,

a fim de atender às diferentes demandas de uma operação, adaptando-se às possíveis variações de situação.

2.1.3.2 Capacidade de Manobra - resulta da mobilidade tática dos meios blindados e mecanizados, permitindo o movimento rápido dos elementos de manobra da Arma, facultando-lhes mudar de direção ou de dispositivo sem perda de tempo e combinar, nas melhores condições, o fogo e o movimento, de forma a explorar as situações que permitam obter vantagem em relação ao inimigo.

2.1.3.3 Capacidade de Combate - é garantida pela combinação da mobilidade, potência de fogo e proteção blindada, possibilitando o emprego dos elementos de combate de Cavalaria em ações rápidas e decisivas no decurso das operações.

2.1.3.4 Capacidade de Durar na Ação - decorre da relativa autonomia proporcionada por seus elementos de combate e de apoio logístico, permitindo a atuação em largas frentes e grandes profundidades do campo de batalha.

2.1.3.5 Capacidade de Informar-se - é proporcionada pela combinação da mobilidade e do sistema de comunicações, possibilitando aos elementos de manobra de Cavalaria atuar com relativa independência, distanciados ou mesmo destacados de seu Comando.

2.1.3.6 Capacidade de Cobrir-se - é resultante da combinação da mobilidade, potência de fogo e proteção blindada, o que propicia segurança aos elementos de manobra da Arma e proporciona condições para agir sobre o inimigo, quando se fizer necessário.

2.1.4 A Cavalaria é a arma vocacionada para realizar o combate embarcado. Emprega seus meios blindados para cerrar sobre o inimigo, a fim de destruí-lo, neutralizá-lo ou desorganizá-lo; e seus meios mecanizados para realizar operações de segurança e missões de reconhecimento, economizando forças em frentes secundárias do combate.

2.2 CONCEPÇÃO DE EMPREGO DA CAVALARIA

2.2.1 O planejamento e a condução das operações baseiam-se, necessariamente, em informações acerca do inimigo e do ambiente operacional que podem ser obtidas, dentre outras formas, por meio de reconhecimentos aéreos e terrestres. O reconhecimento terrestre surte melhor efeito se realizado por uma força capaz de estabelecer e manter o contato com o inimigo, bem como de atuar em profundidade e com rapidez.

2.2.2 Em operações ofensivas, elementos de Cavalaria são empregados à frente das demais forças terrestres como elemento de segurança. Nessa

oportunidade, concorrem para a busca de informações sobre o inimigo e a área de operações, contribuindo diretamente para a cobertura da concentração de meios.

2.2.3 As unidades de Cavalaria são mais bem empregadas em manobras de flanco, desbordando ou envolvendo o inimigo fixado, procurando destruir ou fixar suas reservas, neutralizar ou destruir seus órgãos de comando e controle, de logística e de apoio ao combate, fazendo com que seja destruído na posição e não possa retrair ou ser reforçado.

2.2.4 Na impossibilidade de realizar uma manobra de flanco e o comando tiver de se decidir por um ataque frontal ou de penetração ao dispositivo inimigo, a Cavalaria é apta para romper esse dispositivo, assim que seja aberta uma brecha.

2.2.5 Após um ataque, se bem sucedido, é preciso empreender, rapidamente, ações que conduzam ao aproveitamento do êxito e à perseguição. Em caso de insucesso, há necessidade de proporcionar segurança para o retraimento do grosso da tropa. Para todas essas ações, a força indicada deve ser móvel e potente.

2.2.6 Na ação retardadora e na perseguição, a Cavalaria desenvolve, ao máximo, as possibilidades que lhe emprestam suas características básicas.

2.2.7 Na perseguição, o melhor emprego da Cavalaria é sobre os flancos e as vias de retirada do inimigo. No curso dessas operações, o comandante de Cavalaria usa da maior iniciativa, lembrando que a rapidez e a audácia são fatores essenciais ao êxito.

2.3 BASES DE ORGANIZAÇÃO DA CAVALARIA

2.3.1 Os elementos de combate que compõe a arma de Cavalaria organizam-se em tropas de naturezas distintas, representadas pela Cavalaria Blindada, Cavalaria Mecanizada, Cavalaria Paraquedista, Cavalaria Aeromóvel, Cavalaria de Guarda e Cavalaria de Selva.

2.3.2 A CAVALARIA BLINDADA

2.3.2.1 A Cavalaria Blindada (C Bld) é representada pela Brigada Blindada (Bda Bld), pelos Regimentos de Cavalaria Blindados (RCB) e pelos Regimentos de Carros de Combate (RCC).

2.3.2.2 Os meios de dotação da Cavalaria Blindada permitem o cumprimento de missões de natureza ofensiva que exijam grande capacidade de combate, sendo apta para a realização de tarefas em grande profundidade e a participação de ações dinâmicas, no contexto de operações defensivas. As

unidades de Cavalaria Blindada constituem-se em elementos fundamentais para a decisão do combate terrestre.

2.3.2.3 As tropas da Cavalaria Blindada são forças altamente móveis e com elevada potência de fogo, equipadas e adestradas para conduzir o combate predominantemente embarcado, precipuamente sob o contexto de operações ofensivas e/ou defensivas.

2.3.2.4 As OM da Cavalaria Blindada organizam-se para o combate sob a forma de Força-Tarefa (FT), empregando, de forma combinada, os carros de combate e os fuzileiros blindados.

2.3.2.5 Brigada Blindada (Bda Bld)

2.3.2.5.1 É uma GU cujas características principais são a ação de choque, a mobilidade, a potência de fogo e a proteção blindada. Deve ser empregada, prioritariamente, nas missões ofensivas altamente móveis, particularmente, as incursões, as manobras de flanco, o aproveitamento do êxito e a perseguição.

2.3.2.5.2 Nas operações ofensivas, a Bda Bld pode realizar uma penetração no sistema defensivo inimigo, executar o envolvimento da posição defensiva, atacando objetivos em profundidade, bem como explorar os flancos vulneráveis, por meio de um desbordamento, passando rapidamente a um aproveitamento do êxito ou perseguição.

2.3.2.5.3 Nas operações defensivas, a Bda Bld participa, prioritariamente, das ações dinâmicas da defesa, por meio da realização de contra-ataques.

2.3.2.5.4 Os elementos de manobra orgânicos da Bda Bld são os Regimentos de Carros de Combate (RCC) e os Batalhões de Infantaria Blindados (BIB), que são empregados, preferencialmente, constituindo FT, para se obter os efeitos desejados da utilização do binômio carro-fuzileiro.

2.3.2.6 Regimento de Carros de Combate (RCC)

2.3.2.6.1 O Regimento de Carros de Combate é orgânico das Brigadas Blindadas e, em função dos seus meios orgânicos, está vocacionado a cumprir missões tais como:
a) cerrar sobre o inimigo para destruí-lo ou neutralizá-lo, utilizando o fogo, a manobra e a ação de choque; e
b) destruir ou desorganizar o ataque inimigo, por meio do fogo e do contra-ataque.

2.3.2.6.2 O RCC tem como principais possibilidades:
a) atacar sob fogo inimigo, aproveitar o êxito e perseguir o inimigo batido;
b) participar de envolvimentos e desbordamentos;
c) realizar contra-ataques;

d) realizar incursões;
e) estabelecer ligações de combate e participar de operações de junção;
f) operar sob condições de visibilidade limitada com emprego de meios de visão noturna e de vigilância eletrônica; e
g) atuar em ambiente contaminado por agentes QBRN (com limitações).

2.3.2.6.3 As principais limitações do RCC estão relacionadas aos seus meios de dotação, sendo elas:
a) vulnerabilidade aos ataques aéreos;
b) mobilidade restrita nos terrenos montanhosos, arenosos, pedregosos, pantanosos e de vegetação densa;
c) reduzida capacidade de transposição de cursos de água;
d) redução de sua mobilidade tática, devido às condições meteorológicas adversas;
e) limitação do poder de fogo em áreas edificadas, cobertas e de vegetação densa;
f) restrição de mobilidade frente ao largo emprego de minas anticarro e aos obstáculos artificiais;
g) dificuldade de assegurar o sigilo das operações, em virtude do ruído e da poeira produzida por suas viaturas;
h) necessidade de transporte rodoviário ou ferroviário para seus meios blindados, por ocasião de grandes deslocamentos;
i) necessidade de volumoso apoio logístico, particularmente de suprimentos das classes III, V e IX; e
j) vulnerabilidade aos ataques QBRN.

2.3.2.6.4 O RCC, por sua vez, está organizado em Esquadrões de Carros de Combate (Esqd CC) e estes em Pelotões de Carros de Combate (Pel CC).

2.3.2.7 Regimento de Cavalaria Blindado (RCB)

2.3.2.7.1 O Regimento de Cavalaria Blindado (RCB) é orgânico das Brigadas de Cavalaria Mecanizadas (Bda C Mec) e tem como principais missões:
a) cerrar sobre o inimigo para destruí-lo, neutralizá-lo ou capturá-lo, utilizando o fogo, a manobra, o combate aproximado e a ação de choque;
b) participar de movimentos retrógrados, particularmente a ação retardadora; e
c) contribuir para a manutenção do terreno, repelindo o ataque inimigo, por meio de contra-ataques, do fogo e do combate aproximado.

2.3.2.7.2 O RCB tem como principais possibilidades:
a) cerrar sobre o inimigo para destruí-lo, neutralizá-lo ou capturá-lo;
b) participar de envolvimentos e desbordamentos;
c) atacar sob fogo inimigo, aproveitar o êxito e perseguir o inimigo batido;
d) realizar incursões;
e) conquistar e manter terreno;
f) realizar a transposição imediata de cursos de água (com limitações);
g) contra-atacar sob fogo inimigo;

h) realizar ligações de combate e junção;
i) operar sob condições de visibilidade limitada, com emprego de meios de visão noturna e de vigilância eletrônica; e
j) atuar em ambiente contaminado por agentes QBRN (com limitações).

2.3.2.7.3 As limitações do RCB estão relacionadas aos meios orgânicos da unidade, sendo elas:
a) vulnerabilidade aos ataques aéreos;
b) restrição de mobilidade frente ao largo emprego de minas anticarro e aos obstáculos artificiais;
c) mobilidade restrita nos terrenos montanhosos, arenosos, pedregosos, pantanosos e com vegetação densa;
d) redução de sua mobilidade tática, devido às condições meteorológicas adversas;
e) limitação do poder de fogo, em áreas edificadas e cobertas;
f) necessidade de volumoso apoio logístico, particularmente de suprimentos das classes III, V e IX;
g) dificuldade de assegurar o sigilo das operações, em virtude do ruído e da poeira produzidos por suas viaturas;
h) necessidade de transporte rodoviário ou ferroviário para seus meios blindados, por ocasião de grandes deslocamentos; e
i) vulnerabilidade aos ataques QBRN.

2.3.2.7.4 O RCB está organizado em SU de Carros de Combate e de Fuzileiros Blindados, o que lhe permite constituir FT com meios orgânicos próprios.

2.3.3 A CAVALARIA MECANIZADA

2.3.3.1 A Cavalaria Mecanizada é representada pela Brigada de Cavalaria Mecanizada (Bda C Mec), pelos Regimentos de Cavalaria Mecanizados (R C Mec) e pelos Esquadrões de Cavalaria Mecanizados (Esqd C Mec).

2.3.3.2 Cumpre missões que exigem grande mobilidade e relativa potência de fogo, podendo atuar em largas frentes e grandes profundidades, sendo extremamente apta a realizar operações de reconhecimento e, precipuamente, operações de segurança. Como elemento de economia de meios, realiza também operações ofensivas e defensivas.

2.3.3.3 Nas operações ofensivas, realiza ações altamente móveis. Nas operações defensivas, pode participar de ações dinâmicas da defesa, atuar como força de fixação, conduzir movimentos retrógrados e ser empregada como economia de meios.

2.3.3.4 Brigada de Cavalaria Mecanizada (Bda C Mec)

2.3.3.4.1 A Bda C Mec é uma grande unidade (GU) básica de combinação de armas, constituída por unidades de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, com capacidade de durar na ação e atuar de forma independente.

2.3.3.4.2 A Bda C Mec, devido à sua estrutura organizacional e meios orgânicos, é particularmente vocacionada para realizar operações de segurança.

2.3.3.4.3 Em função de sua constituição e das características dos seus meios orgânicos, a Bda C Mec pode atuar com relativa autonomia tática e logística, o que lhe permite ser empregada destacada, a largas distâncias do grosso da força que a enquadra.

2.3.3.4.4 Suas características principais são: mobilidade tática, potência de fogo, proteção blindada, ação de choque, flexibilidade, estrutura organizacional e sistema de comunicações amplo e flexível. É uma força altamente móvel e potente, equipada e adestrada para o cumprimento de missões caracterizadas pela predominância das ações de combate embarcado.

2.3.3.4.5 Os elementos de manobra orgânicos da Bda C Mec são os Regimentos de Cavalaria Mecanizados e os Regimentos de Cavalaria Blindados.

2.3.3.5 Regimento de Cavalaria Mecanizado (R C Mec)

2.3.3.5.1 O Regimento de Cavalaria Mecanizado é orgânico da Bda C Mec e tem como principais missões:
a) realizar operações de reconhecimento e de segurança; e
b) realizar operações ofensivas e defensivas limitadas, em proveito do escalão superior que o enquadra.

2.3.3.5.2 O R C Mec tem como principais possibilidades:
a) executar operações de segurança;
b) realizar qualquer tipo de reconhecimento em largas frentes e grandes profundidades;
c) realizar ligações de combate;
d) ser empregado na Segurança de Área de Retaguarda (SEGAR);
e) realizar a transposição imediata de cursos de água, com as suas viaturas blindadas anfíbias;
f) participar de operações de junção;
g) realizar incursões e manobras de flanco;
h) atuar em ambiente contaminado por agentes QBRN (com limitações);
i) realizar deslocamentos rodoviários a grandes distâncias;
j) operar sob condições de visibilidade limitada, com emprego de meios de visão noturna e de vigilância eletrônica;

k) organizar seus elementos de manobra em estruturas operativas provisórias (SU provisórias) para atender peculiaridades de determinada missão que lhe for atribuída ou para fazer face às situações específicas do combate; e
l) ser empregado como elemento de economia de meios.

2.3.3.5.3 As limitações do R C Mec estão relacionadas aos seus meios de dotação, sendo elas:
a) vulnerabilidade aos ataques aéreos, a carros de combate, a minas e armas anticarro e a obstáculos artificiais;
b) mobilidade restrita em terrenos montanhosos, arenosos, pedregosos, pantanosos e de vegetação densa;
c) incapacidade de transposição de cursos de água pelas viaturas não anfíbias;
d) redução de sua mobilidade tática, devido às condições meteorológicas adversas;
e) limitação do poder de fogo em áreas edificadas, cobertas e de vegetação densa;
f) restrição de mobilidade, frente ao largo emprego de minas anticarro e aos obstáculos artificiais;
g) dificuldade em assegurar o sigilo das operações, em virtude do ruído e da poeira produzidos em deslocamentos;
h) capacidade de atuação reduzida em áreas carentes de rede rodoviária;
i) mobilidade bastante restrita através campo;
j) dificuldade de manter o terreno;
k) necessidade de volumoso apoio logístico, particularmente dos suprimentos das Cl III, V e IX; e
l) vulnerabilidade aos ataques QBRN.

2.3.3.5.4 O R C Mec está constituído por Esquadrões de Cavalaria Mecanizados (Esqd C Mec).

2.3.3.5.5 Dependendo do tipo de missão a ser cumprida ou da necessidade específica para enfrentar determinadas situações do combate, o Cmdo R C Mec pode organizar suas subunidades em Esquadrões Provisórios (de VBR, fuzileiros e exploradores) e reunir seus morteiros médios em única fração (Pel Mrt Me).

2.3.3.5.6 Os Esquadrões Provisórios são organizados com base nas frações orgânicas dos Pelotões de Cavalaria Mecanizados (Pel C Mec), quais sejam: o Grupo de Exploradores (GE), a Seção de Viaturas Blindadas de Reconhecimento (Sç VBR), o Grupo de Combate (GC) e a Peça de Apoio (Pç Ap).

2.3.3.5.7 É possível, ainda, reforçar um Esqd C Mec que mantém sua estrutura organizacional original com pelotões provisórios de qualquer natureza.

2.3.3.6 Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Esqd C Mec)

2.3.3.6.1 O Esquadrão de Cavalaria Mecanizado é orgânico das Brigadas Blindadas, das Brigadas de Infantaria Mecanizada e das Brigadas de Infantaria Motorizada.

2.3.3.6.2 O Esqd C Mec tem como principal atribuição realizar operações de reconhecimento e de segurança.

2.3.3.6.3 O Esqd C Mec tem como principais possibilidades:
a) realizar ligações de combate;
b) realizar qualquer tipo de reconhecimento em frentes e profundidades compatíveis com a sua estrutura;
c) executar operações de segurança;
d) realizar incursões;
e) participar de operações de junção;
f) participar das ações de SEGAR;
g) atuar em ambiente contaminado por agentes QBRN (com limitações);
h) ser empregado como elemento de economia de meios;
i) realizar a transposição imediata de cursos de água com as suas viaturas blindadas anfíbias;
j) operar sob condições de visibilidade limitada, com emprego de meios de visão noturna e de vigilância eletrônica; e
k) organizar seus elementos de manobra em estruturas operativas provisórias (pelotões provisórios) para atender às peculiaridades de determinada missão que lhe for atribuída ou para fazer face às situações do combate.

2.3.3.6.4 As limitações do Esqd C Mec são as mesmas do R C Mec, uma vez que estão relacionadas aos seus meios orgânicos de dotação.

2.3.3.6.5 A exemplo do R C Mec, e dependendo dos fatores da decisão, o Esqd C Mec também pode ser organizado em estruturas provisórias (Pelotões provisórios) reunindo-se, de forma homogênea, os elementos do GE, da Sç VBR, do GC e da Pç Ap, frações de combate orgânicas do Pel C Mec.

2.3.4 A CAVALARIA PARAQUEDISTA

2.3.4.1 A Cavalaria Paraquedista é uma força caracterizada por sua grande mobilidade, potência de fogo e flexibilidade, o que lhe permite participar de operações de assalto aeroterrestre, aerotransportadas e aeromóveis.

2.3.4.2 Esquadrão de Cavalaria Paraquedista (Esqd C Pqdt)

2.3.4.2.1 O Esquadrão de Cavalaria Paraquedista (Esqd C Pqdt) é o elemento de Cavalaria, orgânico da Brigada de Infantaria Paraquedista (Bda Inf Pqdt).

2.3.4.2.2 O Esqd C Pqdt é uma tropa apta a conquistar e manter, por tempo limitado, objetivos relevantes na retaguarda do inimigo. Realiza, ainda, missões de reconhecimento, operações de segurança e operações defensivas em proveito da Bda Inf Pqdt.

2.3.4.2.3 Quando apoiada por meios aéreos de transporte, apresenta mobilidade estratégica. Em combate, a sua mobilidade tática decorre de suas viaturas orgânicas ou, na impossibilidade de contar com as viaturas, do movimento da tropa a pé.

2.3.4.2.4 O Esqd C Pqdt tem como principais possibilidades:
a) participar do estabelecimento de uma cabeça de ponte aérea;
b) realizar qualquer tipo de reconhecimento, em frentes e profundidades compatíveis com a sua estrutura;
c) executar operações de segurança, particularmente proteção e vigilância;
d) realizar operações ofensivas e defensivas limitadas;
e) realizar ligações de combate;
f) operar sob condições de visibilidade limitada, com emprego de meios de visão noturna e de vigilância eletrônica;
g) na impossibilidade do lançamento de suas viaturas orgânicas, atuar como força a pé, cumprindo, com limitações, missões de reconhecimento e segurança, em proveito da Bda Inf Pqdt;
h) atuar como Força de Proteção da Bda Inf Pqdt nas operações aeroterrestres ou aerotransportadas, em que o objetivo da GU esteja localizado fora da cabeça de ponte aérea;
i) organizar seus elementos de manobra em estruturas operativas provisórias (pelotões provisórios) para atender às peculiaridades de determinada missão que lhe for atribuída ou para fazer face às situações do combate; e
j) atuar em ambiente contaminado por agentes QBRN (com limitações).

2.3.4.2.5 As limitações do Esqd C Pqdt estão relacionadas aos meios orgânicos da unidade e aos meios aéreos colocados à sua disposição, sendo elas:
a) vulnerabilidade aos ataques aéreos;
b) vulnerabilidade na fase de reorganização;
c) restrição de mobilidade, frente ao largo emprego de minas anticarro e aos obstáculos artificiais;
d) grande influência das condições climáticas e meteorológicas;
e) mobilidade estratégica limitada à disponibilidade de apoio de meios aéreos;
f) dificuldade na manutenção do sigilo das operações, quando empregando suas viaturas orgânicas, em virtude do ruído e da poeira produzidos;
g) mobilidade restringida, quando empregando suas viaturas orgânicas em terrenos montanhosos, arenosos, pedregosos, pantanosos e cobertos;
h) dificuldade de manter o terreno; e
i) vulnerabilidade aos ataques QBRN.

2.3.4.2.6 O Esqd C Pqdt possui como elementos de manobra orgânicos os Pel C Pqdt.

2.3.5 A CAVALARIA AEROMÓVEL

2.3.5.1 A Cavalaria Aeromóvel é a tropa de cavalaria dotada de meios de combate compatíveis com o helitransporte, com recursos e suprimentos suficientes para emprego, por limitados períodos de tempo.

2.3.5.2 A Cavalaria Aeromóvel está representada pelo Esquadrão de Cavalaria Aeromóvel (Esqd C Amv), elemento organizado, equipado e instruído para cumprir, prioritariamente, missões de reconhecimento e operações de segurança, em proveito da Brigada de Infantaria Leve Aeromóvel - Bda Inf L (Amv).

2.3.5.3 O Esquadrão de Cavalaria Aeromóvel (Esqd C Amv)

2.3.5.3.1 No cumprimento de suas missões, o Esqd C Amv está apto a atuar isoladamente, ou integrando outras estruturas, e constitui-se em importante elemento de economia de forças da Bda Inf L (Amv).

2.3.5.3.2 Normalmente, o emprego dessa OM se assemelha ao do Esqd C Pqdt. A principal diferença está na forma de deslocamento do Esqd C Amv até a região onde irá atuar, que poderá ser realizado por movimento aéreo, valendo-se da utilização de aeronaves de asa fixa ou rotativa.

2.3.5.3.3 O Esqd C Amv tem como principais possibilidades:
a) deslocar-se por meios aéreos de asa fixa ou rotativa;
b) realizar qualquer tipo de reconhecimento, em frentes e profundidades compatíveis com a sua estrutura;
c) executar operações de segurança, em proveito da Bda Inf L (Amv), em particular a proteção e a vigilância;
d) realizar ações ofensivas e defensivas, na realização de um reconhecimento ou de uma operação de segurança;
e) realizar ligações de combate;
f) participar das ações de SEGAR, em proveito da Bda Inf L (Amv);
g) receber e planejar o emprego de meios aéreos colocados sob seu controle operacional;
h) operar sob condições de visibilidade limitada, com emprego de meios de visão noturna e de vigilância eletrônica;
i) proporcionar limitada defesa anticarro (AC) em prol da Bda Inf L (Amv);
j) participar do estabelecimento de uma cabeça de ponte aeromóvel (C Pnt Amv);
k) realizar infiltração a pé;
l) atuar em ambiente contaminado por agentes QBRN (com limitações);
m) atuar, com limitações, como força a pé, em proveito da Bda Inf L (Amv), na impossibilidade do helitransporte/aerotransporte de suas viaturas orgânicas; e

n) organizar seus elementos de manobra em estruturas provisórias (pelotões provisórios) para atender peculiaridades de determinadas missões ou situações do combate.

2.3.5.3.4 O Esqd C Amv incorpora algumas das limitações próprias das forças aerotransportadas, além das inerentes ao próprio material de dotação. Suas principais limitações são:
a) vulnerabilidade aos ataques aéreos;
b) restrição de mobilidade, frente ao largo emprego de minas anticarro e aos obstáculos artificiais;
c) vulnerabilidade na fase da reorganização, após o desembarque;
d) sensibilidade frente às condições climáticas e meteorológicas adversas;
e) mobilidade restringida, quando empregando suas viaturas orgânicas em terrenos montanhosos, arenosos, pedregosos, pantanosos e cobertos;
f) necessidade de cerrado apoio logístico, particularmente após as 48 (quarenta e oito) horas iniciais da operação;
g) dificuldade de manter o terreno conquistado;
h) dificuldade em assegurar o sigilo das operações, em virtude do ruído e da poeira produzidos por suas viaturas, quando em deslocamento; e
i) vulnerabilidade aos ataques QBRN.

2.3.5.3.5 O Esqd C Amv possui como elementos de manobra orgânicos os Pelotões de Exploradores (Pel Exp) e os Pelotões de Fuzileiros Mecanizados (Pel Fuz Mec).

2.3.6 A CAVALARIA DE GUARDA

2.3.6.1 A Cavalaria de Guarda é dotada de elementos hipomóveis e meios motorizados, o que garante a essa tropa especial da Cavalaria a possibilidade de atuar em terrenos variados.

2.3.6.2 A composição dos meios orgânicos das Unidades de Cavalaria de Guarda proporciona flexibilidade ao seu emprego. Podem ser empregadas em uma gama variada de missões, adequando suas forças pela combinação de seus elementos hipomóveis e motorizados.

2.3.6.3 A Cavalaria de Guarda é empregada, também, no Cerimonial Militar e em missões de Representação do Exército Brasileiro.

2.3.6.4 O Regimento de Cavalaria de Guarda (RCG)

2.3.6.4.1 O Regimento de Cavalaria de Guarda (RCG) pode ser empregado em SEGAR, na defesa de instalações e de pontos sensíveis, na segurança de vias de circulação e em atividades de controle e apoio à população.

2.3.6.4.2 O RCG tem como principais possibilidades:
a) realizar a defesa de pontos sensíveis;

b) instalar e operar postos de segurança estáticos;
c) instalar e operar postos de bloqueio e controle de estradas e de vias urbanas;
d) realizar a escolta de comboios, utilizando meios motorizados;
e) realizar o controle de distúrbios civis, empregando elementos a pé e hipomóveis;
f) realizar patrulhamentos hipomóveis e motorizados;
g) participar das ações de segurança de áreas de retaguarda;
h) realizar a segurança de autoridades militares e civis;
i) realizar escoltas e guardas de honra;
j) cumprir missões de escolta e guarda de prisioneiros; e
k) atuar em ambiente contaminado por agentes QBRN (com limitações).

2.3.6.4.3 O RCG pode, ainda, cumprir outras missões específicas da Cavalaria de Guarda, tais como representar o Exército em atividades equestres e realizar demonstrações de Cerimonial Militar.

2.3.6.4.4 As principais limitações do RCG são:
a) necessidade de apoio de transporte motorizado para emprego de todo efetivo, simultaneamente, a longas distâncias ou onde não seja indicado o emprego de tropa hipomóvel;
b) limitada capacidade de emprego em operações ofensivas e defensivas, devido à sua reduzida mobilidade tática, seu reduzido poder de fogo, ação de choque e inexistente proteção blindada;
c) necessidade de atuar em conjunto com tropas a pé para prover sua segurança, quando empregado em controle de distúrbios;
d) necessidade de contínuo e específico apoio logístico, quando empregado distante de sua sede; e
e) vulnerabilidade aos ataques QBRN.

2.3.6.4.5 O RCG apresenta em sua constituição os Esquadrões Hipomóveis e Esquadrões de Lanceiros/Fuzileiros.

2.3.7 A CAVALARIA DE SELVA

2.3.7.1 Constitui-se em elemento da Arma de Cavalaria adaptado a operar em um ambiente operacional de selva, que restringe a mobilidade tática de seus meios orgânicos e limita o emprego do armamento de dotação das viaturas e de seus sistemas de comunicações.

2.3.7.2 O Esquadrão de Cavalaria de Selva (Esqd C Sl)

2.3.7.2.1 É a tropa apta a, em ambiente de selva, participar de operações ofensivas e defensivas e, também, realizar missões de reconhecimento e segurança. Tudo em proveito do escalão ao qual se encontra subordinado.

2.3.7.2.2 O Esqd C Sl tem como principais possibilidades:
a) realizar ligações de combate;
b) participar das ações dinâmicas de defesa;
c) participar de ações de SEGAR;
d) participar de operações ribeirinhas, empregando suas viaturas anfíbias;
e) organizar seus elementos de manobra em estruturas provisórias para atender às peculiaridades de determinadas missões no ambiente operacional de selva;
f) proporcionar limitada defesa AC;
g) realizar infiltração a pé;
h) atuar em ambiente contaminado por agentes QBRN, quando embarcado (com limitações); e
i) operar sob condições de visibilidade limitada com emprego de meios de visão noturna e de vigilância eletrônica.

2.3.7.2.3 O Esqd C Sl incorpora algumas das limitações próprias das tropas de Cavalaria e outras inerentes ao seu emprego em ambiente de selva. Suas principais limitações são:
a) vulnerabilidade aos ataques aéreos;
b) restrição de mobilidade, frente ao largo emprego de minas anticarro e aos obstáculos artificiais;
c) sensibilidade frente às condições climáticas e meteorológicas adversas, que limitam a mobilidade de seus meios orgânicos;
d) mobilidade restrita fora de eixos rodoviários e/ou fluviais;
e) necessidade da existência de malha viária ou fluvial para o emprego de seus meios orgânicos;
f) dificuldade em assegurar o sigilo das operações, em função do ruído e da poeira produzidos por suas viaturas, quando em deslocamento;
g) necessidade de volumoso apoio logístico, particularmente das Cl III, V e IX, bastante dificultado face às características do ambiente de selva; e
h) dificuldade de manter o terreno conquistado.

2.3.7.2.4 O Esqd C Sl está organizado em Pelotões de Exploradores e Pelotões de Fuzileiros Mecanizados.

CAPÍTULO III

A CAVALARIA NAS OPERAÇÕES BÁSICAS

3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

3.1.1 Os elementos de Cavalaria são empregados nas três operações básicas: ofensiva, defensiva e de cooperação e coordenação com agências.

3.1.2 No transcurso dessas operações, as tropas de Cavalaria podem, dentre outras missões: atacar, defender, reconhecer, vigiar largas frentes, cobrir ou proteger forças, buscar e manter o contato com o inimigo, estabelecer ligações com tropas amigas, realizar incursões e infiltrações e prestar diferentes tipos de apoio aos órgãos ou às instituições civis por intermédio de ações subsidiárias.

3.1.3 As unidades de Cavalaria são aptas a realizar ações táticas altamente móveis, particularmente as de caráter ofensivo.

3.2 OPERAÇÕES OFENSIVAS

3.2.1 As operações ofensivas (Op Ofs) são operações terrestres agressivas, onde predominam o movimento, a manobra e a iniciativa, para cerrar sobre o inimigo, concentrar poder de combate superior no local e no momento decisivo, e aplicá-lo para destruir ou neutralizar as forças inimigas, por meio do fogo, do movimento e da ação de choque. Obtido sucesso, normalmente passa-se ao aproveitamento do êxito e/ou à perseguição.

3.2.2 As tropas de Cavalaria, particularmente as blindadas, devido à sua organização, meios orgânicos e adestramento, são aptas a conduzir ou participar de operações ofensivas, fazendo máximo emprego de sua mobilidade tática, poder de fogo e ação de choque.

3.2.3 Os elementos de Cavalaria realizam operações ofensivas com a finalidade de obter resultados decisivos. O emprego das suas unidades tem por objetivo expor o atacante, exigindo que haja superioridade de poder de combate no local selecionado para a ação.

3.2.4 Embora as unidades de Cavalaria possam executar qualquer tipo de operação ofensiva, é no aproveitamento do êxito e na perseguição que as características da Arma podem ser mais bem exploradas.

3.2.5 Atualmente, o combate em áreas edificadas tem grande relevância no contexto das operações ofensivas. Especial atenção deve ser dada às características dessas áreas e às limitações que esse tipo de terreno impõe ao

emprego de forças blindadas e mecanizadas, pois permite que o inimigo, com poder de combate inferior, opere em melhores condições dentro de uma área edificada.

3.2.6 TIPOS DE OPERAÇÕES OFENSIVAS

3.2.6.1 As tropas de Cavalaria são aptas a conduzir ou participar de todos os tipos de operações ofensivas, a saber: a marcha para o combate, o reconhecimento em força, o ataque, o aproveitamento do êxito e a perseguição.

3.2.6.2 Marcha para o Combate (M Cmb)

3.2.6.2.1 A M Cmb é um movimento tático realizado na direção do inimigo, com a finalidade de obter ou restabelecer o contato com o mesmo e/ou assegurar vantagens táticas que facilitem operações futuras.

3.2.6.2.2 Durante a realização de uma M Cmb, a tropa de Cavalaria pode sofrer a interferência de ações por parte do inimigo, em qualquer parte do itinerário. Conforme o maior ou menor grau dessa possibilidade de interferência, pode-se adotar os seguintes dispositivos e formações:
a) coluna de marcha - dispositivo adotado quando o contato com o inimigo é remoto. Nesse caso, prevalecem as medidas que visam a facilitar e a acelerar o movimento em detrimento de medidas que visam à manobra. Preferencialmente, realiza-se o movimento apoiado em estradas ou rodovias; e os grupamentos e unidades de marcha podem receber itinerários distintos para os seus deslocamentos;
b) coluna tática - dispositivo adotado quando o contato com o inimigo é pouco provável. As tropas marcham reunidas taticamente, o que facilita a rápida adoção de dispositivo de combate, sem, no entanto, desdobrá-las. A adoção desse dispositivo se inicia na LPH e se encerra quando as forças atingem a LPE; e
c) marcha de aproximação - dispositivo adotado quando o contato com o inimigo é iminente. A tropa se desloca reunida e desdobrada taticamente. É adotado entre a LPE e o estabelecimento do contato com o inimigo.

3.2.6.2.3 Normalmente, a força que executa uma M Cmb organiza-se em um grupamento principal ou grosso e forças de segurança (forças de cobertura ou forças de proteção). Normalmente, os elementos de Cavalaria compõem as forças de segurança.

3.2.6.2.4 A missão das Forças de Cobertura (F Cob) é esclarecer a situação do inimigo e impedir o retardamento desnecessário do grosso. Suas ações podem incluir o ataque para destruir resistências inimigas, a conquista e manutenção de acidentes capitais do terreno ou ações que objetivam iludir, retardar ou desorganizar as forças inimigas. A força de cobertura é taticamente autônoma e organizada para cumprir sua missão afastada do grosso.

3.2.6.2.5 As Forças de Proteção (vanguarda, flancoguarda e retaguarda) protegem o grosso contra a observação terrestre e os ataques do inimigo.

3.2.6.2.6 A vanguarda, normalmente, provém do primeiro escalão do grosso, sendo empregada para assegurar-lhe um avanço ininterrupto, para protegê-lo de ataques de surpresa do inimigo e para manter o contato com a força de cobertura. Normalmente, opera sob controle do elemento de primeiro escalão do grosso e em ligação com a força de cobertura.

3.2.6.2.7 A vanguarda é uma força de natureza essencialmente ofensiva, enquanto que a flancoguarda e a retaguarda atuam, de modo geral, defensivamente.

3.2.6.2.8 A tropa de Cavalaria mais apta a compor as forças de segurança é a mecanizada. Seus meios de dotação lhe conferem grande mobilidade e capacidade de manobra, podendo atuar a considerável distância em relação ao grosso, em largas frentes e grandes profundidades.

3.2.6.3 Reconhecimento em Força (Rec F)

3.2.6.3.1 O Rec F é uma operação ofensiva de objetivo limitado, executada com a finalidade de revelar e testar o dispositivo e o valor do inimigo ou obter outras informações.

3.2.6.3.2 Ao se decidir pela execução de um reconhecimento em força, o comandante deve considerar:
a) o conhecimento que possui sobre a situação do inimigo, a urgência e a importância das informações desejadas;
b) a eficiência, a rapidez e a disponibilidade de outros órgãos de busca;
c) se a realização do Rec F poderá comprometer o sigilo das operações de seu escalão e/ou do escalão superior; e
d) a possibilidade de arriscar-se a um engajamento decisivo com o inimigo.

3.2.6.3.3 Se a situação do inimigo precisa ser esclarecida em uma larga frente, o reconhecimento em força pode ser realizado por meio de ações ofensivas, em pontos selecionados da frente inimiga.

3.2.6.3.4 Uma tropa de Cavalaria pode realizar um reconhecimento em força por meio de:
a) <u>um ataque com objetivo limitado</u> - a ação é dirigida, exclusivamente, sobre uma área na qual se deseja obter informações rápidas e precisas; e
b) <u>uma incursão</u> - ação desencadeada sobre a posição inimiga, sem a ideia de conquistar ou de manter o terreno. Uma força é introduzida no dispositivo inimigo para realizar uma ação rápida e violenta com o intuito de forçar o inimigo a revelar suas posições, o tempo de reação de suas reservas e seus planos de fogos.

3.2.6.3.5 De todo modo, as tropas de Cavalaria sempre conduzem um reconhecimento em força como um ataque, evitando, no entanto, o engajamento decisivo. Deve-se, contudo, ficar em condições de explorar o êxito da ação, aproveitando, prontamente, qualquer vulnerabilidade inimiga revelada por meio do Rec F.

3.2.6.3.6 A tropa de Cavalaria mais apta a realizar este tipo de operação é a blindada, em função da sua mobilidade tática, ação de choque e capacidade de combate. As unidades devem constituir FT e receber apoio de artilharia, engenharia e, se disponível, de meios aéreos.

3.2.6.4 Ataque (Atq)

3.2.6.4.1 As tropas de Cavalaria conduzem ou participam de um ataque para destruir ou neutralizar o inimigo. Um ataque pode ser de oportunidade ou coordenado, sendo que a diferença entre eles reside no tempo disponível para o planejamento, a preparação e a coordenação do Atq.

3.2.6.4.2 O ataque de oportunidade caracteriza-se pela imediata expedição de missões pela finalidade e ordens fragmentárias, além de trocar tempo de planejamento pela rapidez e impulsão da ação.

3.2.6.4.3 No ataque coordenado, os elementos de Cavalaria são empregados, preferencialmente, na realização de manobras de flanco, evitando, sempre que possível, a penetração e o ataque frontal.

3.2.6.4.4 Em um ataque coordenado, as forças blindadas são empregadas, prioritariamente, no esforço principal, ficando as ações secundárias destinadas para os elementos mecanizados.

3.2.6.4.5 Uma tropa de Cavalaria pode empregar cinco formas de manobra tática no ataque: o envolvimento, o desbordamento, a penetração, a infiltração e o ataque frontal.

3.2.6.4.6 No envolvimento, a força atacante contorna a força inimiga, para conquistar objetivos profundos em sua retaguarda, forçando-a a abandonar sua posição ou a deslocar forças ponderáveis para fazer face à ameaça envolvente.

3.2.6.4.7 Para realizar um envolvimento, uma força deve possuir boa mobilidade tática e capacidade suficiente para operar de forma autônoma, pois, normalmente, ficará fora do alcance de apoio das outras forças que participam da ofensiva.

3.2.6.4.8 As tropas de Cavalaria mais aptas para realizar um envolvimento são a blindada, a mecanizada, a paraquedista e a aeromóvel.

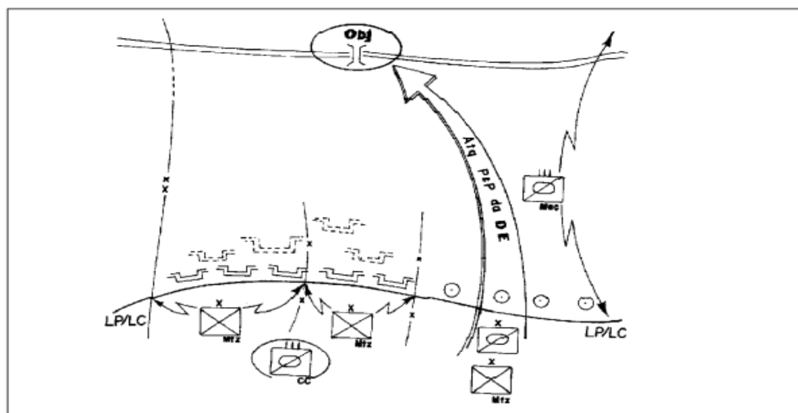


Fig 3-1 Envolvimento

3.2.6.4.9 O desbordamento é uma manobra ofensiva dirigida para a conquista de um objetivo à retaguarda do inimigo ou sobre seu flanco, evitando sua principal posição defensiva, cortando seus itinerários de fuga e sujeitando-o ao risco de destruição na própria posição.

3.2.6.4.10 Um ou mais ataques secundários fixam o inimigo para impedir seu retraimento e para reduzir suas possibilidades de reagir contra o ataque principal, forçando-o a combater simultaneamente em duas direções. O(s) ataque(s) secundário(s) deve(m), sempre que possível, iludir o inimigo quanto à localização ou à existência do ataque principal.

3.2.6.4.11 As tropas de Cavalaria mais aptas a realizar o desbordamento são a blindada e a mecanizada. No entanto, a tropa mecanizada tem sua mobilidade reduzida através campo, se comparada à tropa blindada.

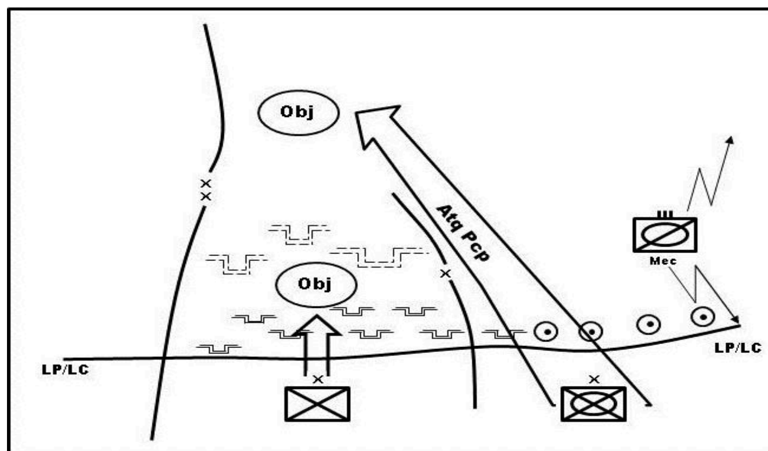


Fig 3-2 Desbordamento

3.2.6.4.12 A penetração busca romper a posição defensiva inimiga para desorganizar seu sistema defensivo e atingir objetivos posicionados em profundidade, buscando dividir a posição inimiga.

3.2.6.4.13 É indicado que seja realizada quando os flancos do inimigo são inacessíveis, quando está em larga frente, quando o terreno e a observação são favoráveis às nossas operações e quando se dispõe de forte apoio de fogo.

3.2.6.4.14 A penetração é obtida por meio de três ações básicas:
a) ruptura inicial da posição defensiva;
b) ocupação ou alargamento da brecha; e
c) conquista de objetivos que quebrem a continuidade da defesa e criem a oportunidade de aproveitamento do êxito.

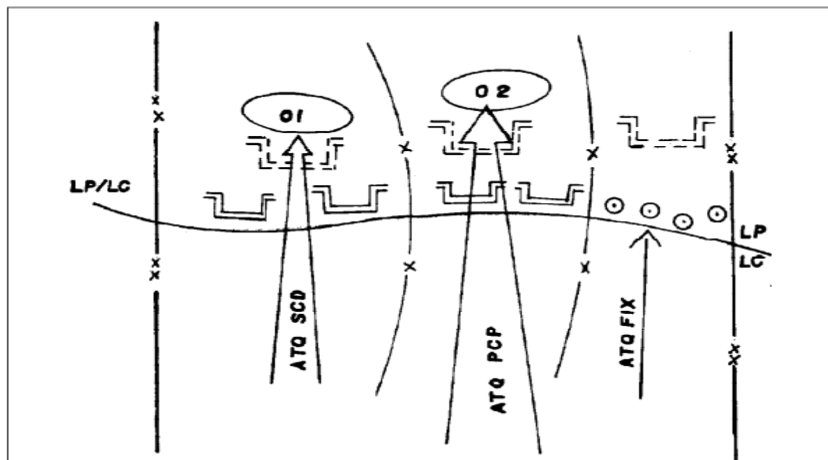


Fig 3-3 Penetração

3.2.6.4.15 Devido às suas características, a tropa de Cavalaria mais apta a realizar a penetração é a blindada.

3.2.6.4.16 A infiltração tem como objetivo desdobrar uma força à retaguarda da posição defensiva inimiga, a fim de cumprir tarefas que contribuam diretamente para o sucesso da manobra do seu escalão enquadrante.

3.2.6.4.17 A infiltração é utilizada, normalmente, em conjunto com outras formas de manobra, sendo fundamental a aplicação do princípio da surpresa, e requer rigorosa sincronização das ações de todos os escalões envolvidos. As tropas de Cavalaria mais aptas a realizar uma infiltração são a Paraquedista, a Aeromóvel e a de Selva.

3.2.6.4.18 O ataque frontal é a forma de manobra que consiste em um ataque incidindo ao longo de toda a frente inimiga, com a mesma intensidade, sem que isso necessariamente implique no emprego de todos os elementos em linha.

3.2.6.4.19 É indicado que seja realizado quando o inimigo for reconhecidamente mais fraco ou desorganizado, com a finalidade de destruí-lo, capturá-lo ou fixá-lo.

3.2.6.4.20 A tropa de Cavalaria mais apta a realizar um ataque frontal é a blindada.

3.2.6.4.21 As tropas de Cavalaria, particularmente as blindadas e as mecanizadas, em função dos equipamentos optrônicos e da tecnologia embarcada em suas viaturas orgânicas, possuem melhores condições para realizar o ataque noturno.

3.2.6.5 Aproveitamento do Êxito (Apvt Exi)

3.2.6.5.1 O aproveitamento do êxito é a operação que se segue a um ataque bem sucedido e que, normalmente, tem início quando a força inimiga se encontra em dificuldades para manter suas posições. Caracteriza-se por um avanço contínuo e rápido das nossas forças, com a finalidade de ampliar, ao máximo, as vantagens obtidas no ataque e anular a capacidade do inimigo de reorganizar-se ou realizar um movimento retrógrado ordenado.

3.2.6.5.2 A oportunidade para se dar início ao aproveitamento do êxito normalmente é indicada:
a) pelo aumento do número de prisioneiros capturados e do material abandonado pelo inimigo; e
b) pela ultrapassagem de posições de artilharia, de instalações de comando e controle e de depósitos de suprimento do inimigo.

3.2.6.5.3 Uma força que realiza um aproveitamento do êxito organiza-se em:
a) FORÇA DE APROVEITAMENTO DO ÊXITO - tem como missão conquistar objetivos profundos na retaguarda do inimigo, a fim de cortar suas vias de retraimento e retirada, bem como desorganizar sua capacidade de comando e controle. As forças inimigas que possam interferir no cumprimento da missão são ultrapassadas ou fixadas com um efetivo mínimo, para posteriormente serem destruídas ou neutralizadas; e
b) FORÇA DE ACOMPANHAMENTO E APOIO - segue a força de aproveitamento do êxito para assegurar a livre utilização das vias de transporte, neutralizar ou destruir forças inimigas ultrapassadas, manter acidentes capitais do terreno necessários para o prosseguimento da operação, bloquear o movimento das reservas inimigas e substituir elementos da força de aproveitamento do êxito que tenham sido deixados à retaguarda para fixar resistências inimigas.

3.2.6.5.4 É no aproveitamento do êxito que a Cavalaria pode fazer o máximo uso de suas capacidades, em função de sua grande mobilidade e flexibilidade. A tropa de Cavalaria mais apta a compor a força de aproveitamento do êxito é a blindada. As tropas mecanizadas também podem ser empregadas, mas apresentam limitações de mobilidade, particularmente nos deslocamentos através campo.

3.2.6.6 Perseguição (Prsg)

3.2.6.6.1 É a operação destinada a cercar e destruir uma força inimiga que está em processo de desengajamento do combate ou tenta fugir. Ocorre, normalmente, logo em seguida ao aproveitamento do êxito.

3.2.6.6.2 Os grupamentos de forças organizados na perseguição são:
a) FORÇA DE PRESSÃO DIRETA - tem como missão evitar o desengajamento do inimigo e impedir que se reorganize e prepare novas defesas, infligindo-lhe o máximo de perdas. Deve possuir mobilidade no mínimo igual à força inimiga; e
b) FORÇA DE CERCO - tem como missão desbordar o inimigo e cortar as vias que possibilitem a sua retirada. A força de cerco, durante sua progressão, procura antecipar-se ao inimigo e apossar-se dos acidentes capitais do terreno que possam bloquear suas possíveis vias de retirada. Deve ter mobilidade superior à do inimigo, como também poder de combate para manter, por tempo reduzido, os referidos acidentes capitais.

3.2.6.6.3 No curso de uma perseguição, a força de pressão direta deve ser permanentemente mantida, enquanto a força de cerco corta as vias de retirada do inimigo. As unidades de Cavalaria podem atuar tanto como força de pressão direta quanto como força de cerco.

3.2.6.6.4 As tropas de Cavalaria mais aptas a realizar uma perseguição são as blindadas, integrando, preferencialmente, a força de cerco. No entanto, particularmente os elementos fortes em CC podem, também, compor a força de pressão direta.

3.2.7 OUTRAS AÇÕES NA OFENSIVA

3.2.7.1 Durante a execução de operações ofensivas, e nas fases de transição entre as mesmas, é comum a realização de outras ações que não caracterizam necessariamente formas de manobra ou tipos de operações ofensivas. São elas: o combate de encontro e a incursão.

3.2.7.2 Combate de Encontro (Cmb Enco)

3.2.7.2.1 O combate de encontro é a ação que ocorre quando uma força em deslocamento, ainda não completamente desdobrada para o enfrentamento,

engaja-se com uma força inimiga, em movimento ou parada, sobre a qual dispõe de poucas informações.

3.2.7.2.2 Normalmente, dispõe-se de três linhas de ação em um combate de encontro:
a) procurar romper o contato e desbordar a força inimiga;
b) atacar diretamente, partindo do dispositivo de marcha, tão logo as forças possam ser lançadas no combate (ataque de oportunidade); e
c) reconhecer e conter a força inimiga, retardando a ação decisiva até que o grosso de sua força possa ser empregado em um esforço coordenado, seja ofensiva ou defensivamente.

3.2.7.2.3 A rapidez no acionamento dos comandos subordinados; a prontidão para este tipo de ação; e o amplo uso de ordens fragmentárias e do conceito de missão pela finalidade contribuem para a obtenção do sucesso num combate de encontro.

3.2.7.2.4 As unidades de Cavalaria, particularmente as mecanizadas, devido ao seu largo emprego em operações de segurança, de forma destacada do grosso da força, devem estar especialmente aptas a realizar ações de Cmb Enco.

3.2.7.3 Incursão (Inc)

3.2.7.3.1 A incursão é uma ação ofensiva, normalmente de pequena escala, que se caracteriza por rápidas ações em área controlada pelo inimigo, contra objetivos específicos importantes.

3.2.7.3.2 Tem a finalidade de obter dados, confundir ou inquietar o oponente, neutralizar ou destruir centros de comando e controle, instalações logísticas, desorganizando-o e infligindo-lhe perdas na sua capacidade operativa. Não há ideia de conquista ou manutenção de terreno.

3.2.7.3.3 As unidades de Cavalaria Blindada são as mais capacitadas a realizar incursões em função de sua capacidade de manobra e de combate. Normalmente, são realizadas ações de incursão nas operações de ataque, reconhecimento em força e aproveitamento do êxito.

3.3 OPERAÇÕES DEFENSIVAS

3.3.1 As operações defensivas podem ser impostas pelo inimigo, mas, em qualquer situação, devem ser encaradas como transitórias até que se possa adotar ou retomar a postura ofensiva. O espírito ofensivo constitui-se na base para o sucesso da defesa, por meio da previsão e execução de ações dinâmicas da defesa.

3.3.2 As unidades de Cavalaria podem conduzir ou participar de todas as

operações defensivas: a defesa em posição e o movimento retrógrado, sendo mais aptas para esta última.

3.3.3 Nas operações defensivas, as tropas de Cavalaria empregam todos os meios disponíveis para buscar uma vulnerabilidade inimiga, mantendo suficiente flexibilidade em seu planejamento, a fim de explorar tal vulnerabilidade.

3.3.4 As informações relativas aos fundamentos das operações defensivas e ao escalonamento da área de defesa estão contidas no EB-70-MC-10.202 (Ofensiva e Defensiva).

3.3.5 TIPOS DE OPERAÇÕES DEFENSIVAS

3.3.5.1 Defesa em Posição (Def Pos)

3.3.5.1.1 As tropas de Cavalaria podem realizar qualquer uma das formas de manobra tática da defesa em posição (defesa de área e defesa móvel), impondo ao inimigo resistências compatíveis com as características e possibilidades dos elementos da Arma.

3.3.5.1.2 Uma defesa de área é realizada para manter ou controlar determinada região específica, por certo período de tempo. Em uma defesa de área, os elementos de Cavalaria podem cumprir missões integrando as forças de segurança, participando das forças da Área de Defesa Avançada (ADA) e constituindo ou integrando as forças de reserva.

3.3.5.1.3 A defesa móvel emprega uma combinação de ações ofensivas, defensivas e retardadoras. Visa à destruição das forças inimigas e, para isso, apoia-se no emprego de forças ofensivas dotadas de grande mobilidade e poder de choque.

3.3.5.1.4 Nessa forma de manobra, utiliza-se um menor poder de combate à frente, na ADA, e vale-se da manobra, dos fogos e da organização do terreno para se recuperar a iniciativa. Na defesa móvel, os elementos de Cavalaria podem ser empregados como forças de segurança, nos Postos Avançados Gerais (PAG) e nos Postos Avançados de Combate (PAC); como força de fixação, na ADA; e, ainda, como forças em reserva.

3.3.5.1.5 Na defesa móvel, os elementos C Bld podem melhor explorar suas capacidades, compondo a Força de Choque da defesa móvel, que fica incumbida da destruição do inimigo.

3.3.5.1.6 As tropas mecanizadas, por sua vez, podem atuar como Força de Fixação, retardando e direcionando o movimento do inimigo para uma posição favorável onde será destruído pela Força de Choque.

3.3.5.2 Movimentos Retrógrados

3.3.5.2.1 Movimento retrógrado é qualquer movimento tático organizado de uma força, para a retaguarda ou para longe do inimigo, seja forçado por este, seja executado voluntariamente, como parte de um esquema geral de manobra, quando uma vantagem tática marcante possa ser obtida.

3.3.5.2.2 Seu desencadeamento deve ser aprovado pelo comandante do escalão imediatamente superior e é planejado com a antecedência devida. É caracterizado pelo planejamento centralizado e pela execução descentralizada.

3.3.5.2.3 As tropas C Mec são as mais aptas a realizar o movimento retrógrado. Esta operação é conduzida com a finalidade de retardar o inimigo, levá-lo a uma situação desfavorável, permitir o emprego do grosso da força em outro local, evitar o combate sob condições desfavoráveis e ganhar tempo sem engajar-se decisivamente.

3.3.5.2.4 O terreno e as condições meteorológicas têm uma influência fundamental no planejamento e na condução dos movimentos retrógrados.

3.3.5.2.5 Ao realizar operações de segurança, as tropas de Cavalaria frequentemente se engajam em movimentos retrógrados, empregando uma das seguintes formas de manobra tática: a Ação Retardadora, o Retraimento ou a Retirada.

3.3.5.2.6 Em uma Ação Retardadora (Aç Rtrd), uma força sob pressão troca espaço por tempo, procurando infligir ao inimigo o máximo de retardamento e o maior desgaste possível, sem, contudo, se engajar decisivamente no combate. O mínimo de espaço deve ser trocado pelo máximo de tempo.

3.3.5.2.7 Pode ser realizada em uma ou mais posições, o que é mais normal. Quando é realizada em mais de uma posição de retardamento, pode ser empregada a técnica do retardamento em posições sucessivas ou alternadas ou, ainda, a combinação de ambas. Normalmente, o retardamento é conseguido tanto nas posições como entre elas.

3.3.5.2.8 A força que executa uma Aç Rtrd mantém contato permanente com o inimigo e o retarda continuamente. O inimigo deve ser engajado o mais longe possível, no alcance máximo do armamento orgânico daquela força, a fim de obrigá-lo a gastar tempo em desdobramentos táticos, no esclarecimento da situação e na realização de ações táticas ofensivas.

3.3.5.2.9 Em um Retraimento (Ret), o grosso de uma força engajada rompe o contato com o inimigo, seguindo a decisão de seu escalão superior. O retraimento pode ser realizado sob pressão ou sem pressão do inimigo, de dia ou de noite. Parte da força permanece em contato com o inimigo para evitar que ele persiga o grosso das forças amigas e inflija-lhe danos.

3.3.5.2.10 É desejável que o retraimento de todas as unidades seja simultâneo. Quando isto não for possível, as unidades menos engajadas retraem antes.

3.3.5.2.11 No retraimento sob pressão, as reservas são desdobradas bem à frente, para proporcionar cobertura ao retraimento das forças avançadas ou mesmo para auxiliar tais forças a romperem contato com o inimigo e a executarem o retardamento entre as posições.

3.3.5.2.12 Todos os fogos disponíveis devem ser empregados contra os elementos avançados do inimigo que estejam engajados com as forças de retardamento. As forças mais avançadas deslocam-se para a retaguarda pelo emprego dos princípios da ação retardadora.

3.3.5.2.13 No retraimento sem pressão, depende-se, primordialmente, de ações que busquem a dissimulação do inimigo. Essas ações incluem a simulação de tráfego rádio, de fogos, de movimento de tropas, dentre outras atividades.

3.3.5.2.14 Em uma Retirada (Rda), a força realiza seu movimento para a retaguarda sem haver contato com o inimigo e segundo um plano bem definido, com a finalidade de evitar engajar-se decisivamente no combate.

3.3.5.2.15 Pode ser executada seguindo-se a um retraimento ou quando, por qualquer motivo, não houver contato com o inimigo. Normalmente, é realizada para permitir que as operações futuras sejam conduzidas sob condições mais favoráveis.

3.3.5.2.16 A forma de manobra tática a ser empregada, bem como o número de posições a serem ocupadas em um movimento retrógrado, é decorrente da situação tática apresentada, das características da área de operações, do prazo a ganhar e dos meios disponíveis.

3.3.6 OUTRAS AÇÕES, TÁTICAS E TÉCNICAS DEFENSIVAS

3.3.6.1 No contexto das operações defensivas, outras ações, táticas e técnicas podem ser empregadas ou ter a participação de tropas de Cavalaria, tais como:
a) ações dinâmicas da defesa;
b) dispositivo de expectativa;
c) defesa elástica;
d) defesa em ponto forte;
e) defesa circular ou defesa em perímetro; e
f) defesa contra tropa aeroterrestre ou aeromóvel.

3.3.6.2 Ações Dinâmicas da Defesa

3.3.6.2.1 São ações ofensivas no contexto de uma operação defensiva, realizadas para dificultar a preparação do ataque do inimigo, prejudicando a

concentração de poder de combate nas suas posições de ataque, neutralizando suas forças de reconhecimento, isolando seus elementos de manobra, desorganizando seus sistemas e formações em profundidade.

3.3.6.2.2 As tropas C Bld são particularmente aptas a realizar patrulhamentos agressivos, incursões e, principalmente, contra-ataques (C Atq), apoiadas por fogos cinéticos e não cinéticos. Estas ações constituem-se na melhor maneira de manter o espírito ofensivo no decorrer de uma operação defensiva.

3.3.6.2.3 Os C Atq devem ser realizados antes que o inimigo consolide qualquer ganho inicial e possa explorar o êxito de sua ação ofensiva e classificam-se em:
a) para restabelecimento da posição;
b) de desaferramento;
c) de desorganização; e
d) de destruição.

3.3.6.3 Dispositivo de Expectativa

3.3.6.3.1 A insuficiência de informações sobre o inimigo e a carência dos meios disponíveis ante os amplos espaços a bloquear exigem, frequentemente, a adoção de um dispositivo de expectativa.

3.3.6.3.2 Esta técnica é bastante útil quando se opera em largas frentes e não há informações suficientes sobre a direção onde o inimigo emprega a maioria de seus meios, permitindo que as nossas forças sejam orientadas, em curto prazo, na direção para a qual o inimigo tenha dirigido o seu esforço principal.

3.3.6.3.3 O dispositivo de expectativa implica preservar, inicialmente, na área de reserva, o grosso do poder de combate da força, a fim de empregá-lo no momento e local decisivos e com adequado poder relativo de combate, tão logo seja possível detectar a orientação da maioria dos meios do inimigo.

3.3.6.3.4 Uma força de segurança (F Seg) exerce o papel fundamental de emitir o alerta antecipado quanto aos eixos de aproximação selecionados pelo inimigo e orientados para o nosso dispositivo defensivo.

3.3.6.3.5 Por sua mobilidade tática e capacidade de combate, as tropas C Mec e C Bld são aptas a participar das forças de segurança, mobiliando os PAC, ou mesmo das ações dinâmicas da defesa na ADA.

3.3.6.4 Defesa Elástica

3.3.6.4.1 Na defesa elástica, admite-se a penetração do inimigo em uma região selecionada da posição defensiva, denominada de Área de Engajamento (AE), para emboscá-lo e atacá-lo pelo fogo em todo seu dispositivo.

3.3.6.4.2 Essa técnica tem por objetivo limitar a possibilidade do inimigo realizar uma penetração ou um desbordamento de nossa posição defensiva. O cerne dessa técnica está em enfraquecer as forças inimigas à frente da posição defensiva, para depois destruí-las, enquanto progridem no interior da AE.

3.3.6.4.3 É uma técnica que mescla aspectos da defesa de área e da defesa móvel. No entanto, pode ser realizada por tropas de valor regimento e brigada. Por necessitar de grande mobilidade e poder de fogo por parte das forças que a realizam, inclusive de AC, as tropas C Bld e C Mec são extremamente aptas a participar de uma defesa elástica.

3.3.6.5 Defesa em Ponto Forte

3.3.6.5.1 Um ponto forte (PF) é uma posição altamente fortificada e apoiada em um acidente natural do terreno. É empregado para deter, dividir ou desviar a direção de forças inimigas de valor ponderável ou impedir o seu acesso à determinada área ou infraestrutura.

3.3.6.5.2 Está localizado em terrenos favoráveis ao defensor, como florestas densas, terreno montanhoso, áreas urbanas ou passivas, que não podem ser facilmente desbordadas.

3.3.6.5.3 Normalmente, o ponto forte adota um dispositivo de defesa circular e conta com grande apoio mútuo. A defesa em profundidade é obtida pela construção de posições suplementares em seu interior e devem, prioritariamente, apoiar-se em terreno restritivo ao movimento do inimigo.

3.3.6.5.4 Dependendo do terreno onde está localizado, qualquer tropa de Cavalaria pode conduzir ou participar de uma defesa em ponto forte.

3.3.6.6 Defesa Circular ou Defesa em Perímetro

3.3.6.6.1 A defesa circular ou em perímetro é uma posição defensiva voltada para todas as direções (360º), com a finalidade de impedir o acesso do inimigo à área defendida. É adotada para defender posições isoladas, normalmente no interior das linhas inimigas, tais como uma cabeça de ponte aérea (aeroterrestre ou aeromóvel), pontes, pistas de pouso, zonas de reunião, zonas de pouso de helicópteros, ou quando uma unidade se vê cercada pelo inimigo.

3.3.6.6.2 Uma tropa de Cavalaria nessa situação normalmente não dispõe do apoio mútuo de outra tropa amiga. Defende com a maioria dos meios na

periferia, enquanto posiciona a sua reserva no centro para ser empregada em qualquer direção.

3.3.6.6.3 Na defesa circular, ganha importância o patrulhamento em torno do perímetro, que pode ser melhor realizado por tropas C Mec. As tropas de Cavalaria Paraquedista e Aeromóvel são aptas a atuar, particularmente, na defesa de uma cabeça de ponte aérea e de zonas de pouso de helicópteros.

3.3.6.6.4 Este dispositivo defensivo também é comumente adotado pela tropa que mantém um ponto forte. A coordenação dos fogos é fundamental para se evitar o fratricídio ou efeitos colaterais, como a baixa de civis.

3.3.6.7 Defesa contra Tropas Aeroterrestres e Aeromóveis

3.3.6.7.1 Constitui-se em um conjunto de medidas de proteção estabelecidas por meio de um sistema de alarme, utilizando elementos de segurança, com a finalidade de dar o alerta oportuno e impedir a atuação de tropas aeroterrestres e aeromóveis sobre as nossas forças.

3.3.6.7.2 Devem ser realizados reconhecimentos detalhados para localizar zonas de lançamento e de desembarque de tropas. Podem ser empregadas patrulhas, dispositivos de alarme, bloqueios de estrada, postos de observação e radares para cobrir toda a área.

3.3.6.7.3 Os Elm Pqdt e Amv são vulneráveis durante a aterragem e o desembarque, particularmente em face de elementos blindados. Por esse motivo, deve-se lançar, o mais rápido possível, um ataque sobre essas forças de modo a desarticulá-las de imediato.

3.3.6.7.4 As tropas C Bld e C Mec, estas últimas com restrições quando atuando através campo, são as mais aptas ao emprego na defesa contra tropas aeroterrestres e aeromóveis.

3.4 OPERAÇÕES DE COOPERAÇÃO E COORDENAÇÃO COM AGÊNCIAS

3.4.1 São operações em apoio aos órgãos ou às instituições (governamentais ou não, militares ou civis, públicos ou privados, nacionais ou internacionais), definidos genericamente como agências.

3.4.2 As tropas de Cavalaria participam de operações de cooperação e coordenação com agências, normalmente em situações de não guerra, nas quais o emprego do poder militar é usado sem envolver o combate propriamente dito, exceto em circunstâncias especiais. Estas operações são:
a) garantia dos poderes constitucionais;
b) garantia da lei e da ordem;
c) atribuições subsidiárias;

d) prevenção e combate ao terrorismo;
e) ações sob a égide de organismos internacionais;
f) em apoio à política externa em tempo de paz ou crise; e
g) outras operações em situação de não guerra.

3.4.3 GARANTIA DOS PODERES CONSTITUCIONAIS

3.4.3.1 Destinam-se a assegurar o livre exercício dos poderes da República (Executivo, Legislativo e Judiciário), de forma independente e harmônica, inseridas no marco legal do Estado Democrático de Direito, seja em situações de normalidade institucional, seja em situação de crise.

3.4.3.2 O emprego de tropas de Cavalaria em operações nesse contexto é similar ao emprego em operações de garantia da lei e da ordem, diferindo pela finalidade e pelo grau de ameaça à ordem institucional existente.

3.4.4 GARANTIA DA LEI E DA ORDEM (GLO)

3.4.4.1 É uma operação militar conduzida pelas Forças Armadas, de forma episódica, em área previamente estabelecida e por tempo limitado, que tem por objetivo a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio.

3.4.4.2 As tropas de Cavalaria realizam esse tipo de operação, conduzindo ou participando de ações de caráter preventivo ou repressivo. No contexto de um Plano de Segurança Integrada, elementos de manobra de Cavalaria podem receber responsabilidades de GLO sobre determinada região ou parcela do território nacional.

3.4.4.3 Tendo em vista esse tipo de operação ser normalmente desencadeada em área urbana, cujas características principais são o alto índice demográfico e a grande restrição de movimento imposta aos meios blindados, as tropas C Mec, C Pqdt e C L são as mais aptas a participar de operações de GLO.

3.4.5 ATRIBUIÇÕES SUBSIDIÁRIAS

3.4.5.1 As atribuições subsidiárias das FA, estabelecidas por instrumentos legais, compõem-se de atribuições gerais e particulares.

3.4.5.2 As atribuições gerais são cooperações com o desenvolvimento nacional e com a defesa civil, na forma determinada pelo Presidente da República.

3.4.5.3 As atribuições particulares destinam-se à cooperação com os órgãos federais, quando se fizer necessário, na repressão aos delitos de repercussão nacional e internacional, no território nacional.

3.4.5.4 De uma forma geral, por ocasião das atribuições subsidiárias gerais, as unidades de Cavalaria cooperam com o desenvolvimento nacional, particularmente da área em que estão localizadas, bem como apoiam as ações de defesa civil local.

3.4.5.5 No transcurso de ações caracterizadas como atribuições subsidiárias particulares, as unidades de Cavalaria realizam reconhecimento, patrulhamento, bloqueio e controle de estradas, para obter informações relevantes sobre a região e contribuir com o combate aos ilícitos nacionais e transfronteiriços.

3.4.6 PREVENÇÃO E COMBATE AO TERRORISMO

3.4.6.1 O terrorismo é a forma de ação que consiste no emprego da violência física ou psicológica, de forma premeditada, por indivíduos ou grupos, apoiados ou não por Estados, com o intuito de coagir um governo, uma autoridade, um indivíduo, um grupo ou mesmo toda a população a adotar determinado comportamento. É motivado e organizado por razões políticas, ideológicas, econômicas, ambientais, religiosas ou psicossociais.

3.4.6.2 A prevenção (antiterrorismo) constitui as ações para a proteção, caracterizada pela presença ostensiva, ou não, de caráter ativo ou passivo, com a principal finalidade de dissuadir possíveis ameaças.

3.4.6.3 O combate (contraterrorismo) engloba as medidas ofensivas de caráter repressivo, a fim de dissuadir, antecipar, impedir ou limitar seus efeitos e responder às ações terroristas.

3.4.6.4 As unidades de Cavalaria podem participar dessas ações, apoiando os esforços conduzidos por forças policiais e militares especializadas. Podem participar, ainda, da segurança de áreas e de autoridades, escoltas e outras tarefas, particularmente na realização de grandes eventos nacionais com projeção significativa no cenário mundial.

3.4.7 AÇÕES SOB A ÉGIDE DE ORGANISMOS INTERNACIONAIS

3.4.7.1 Caracteriza-se pela participação de elementos de Cavalaria em missões estabelecidas em alianças do Estado brasileiro com outros países e/ou em cumprimento aos compromissos com organismos internacionais dos quais o Brasil seja signatário.

3.4.7.2 Elementos de Cavalaria podem participar de operações de paz, de ações de caráter humanitário para socorro aos nacionais de países atingidos por catástrofes naturais ou de guerra, e na estabilização de áreas fora do território nacional.

3.4.8 EMPREGO EM APOIO À POLÍTICA EXTERNA EM TEMPO DE PAZ OU CRISE

3.4.8.1 Constitui-se no uso controlado do poder militar, restrito ao nível aquém da violência, em reforço às ações de caráter político, diplomático, econômico e psicossocial.

3.4.8.2 Elementos de Cavalaria podem ser empregados como parte do poder militar:
a) na concentração de forças terrestres, em determinada área ou região;
b) em exercícios de adestramento para a demonstração de capacidades;
c) em movimentos de forças militares; e
d) na mobilização de meios de combate.

3.4.9 OUTRAS AÇÕES DE COOPERAÇÃO E COORDENAÇÃO COM AGÊNCIAS

3.4.9.1 Os elementos de Cavalaria, quando empregados em cooperação e coordenação com agências, podem, ainda, conduzir ou participar das seguintes atividades:
a) segurança de grandes eventos e de chefes de Estado;
b) garantia da votação e apuração (GVA);
c) apoio ao cumprimento da legislação vigente e verificação de acordos sobre controle de armas e produtos controlados; e
d) salvaguarda de pessoas, dos bens, dos recursos brasileiros ou sob a jurisdição brasileira, fora do território nacional.

CAPÍTULO IV

A CAVALARIA NAS OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.1.1 As operações complementares são operações destinadas a ampliar, aperfeiçoar e/ou complementar as operações básicas, a fim de maximizar a aplicação dos elementos do poder de combate terrestre.

4.1.2 As operações complementares, das quais os elementos de Cavalaria podem participar, são as seguintes:
a) aeromóvel;
b) aeroterrestre;
c) de segurança;
d) contra forças irregulares;
e) de dissimulação;
f) de informação;
g) especiais;
h) de busca, combate e salvamento;
i) de evacuação de não combatentes;
j) de junção;
k) de interdição;
l) de transposição de curso de água;
m) anfíbia;
n) ribeirinha;
o) contra desembarque anfíbio;
p) de abertura de brecha; e
q) em área edificada.

4.2 OPERAÇÕES AEROMÓVEIS

4.2.1 São operações nas quais se emprega uma força de helicópteros ou força aeromóvel (tropa embarcada em aeronaves de asa rotativa) para o cumprimento de missões de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, em benefício de determinado elemento da F Ter.

4.2.2 As principais finalidades desses tipos de operações são:
a) assegurar vantagem tática para as forças terrestres;
b) contribuir para a conquista de objetivos profundos, para o desbordamento ou envolvimento de posições inimigas; e
c) apoiar a realização de reconhecimentos, segurança e vigilância.

4.2.3 As tropas de Cavalaria mais aptas a participar de operações aeromóveis são a Aeromóvel e a Paraquedista, em função da organização e dos seus meios orgânicos.

4.2.4 Ainda, elementos desembarcados de C Bld e C Mec (fuzileiros e exploradores) podem participar de uma operação aeromóvel, constituindo a Força de Superfície (F Spf), a Força Aeromóvel (F Amv) ou integrando uma Força-Tarefa Aeromóvel (FT Amv).

4.2.5 Nesse contexto, elementos de Cavalaria podem realizar as seguintes tarefas:
a) participar do assalto e do ataque aeromóvel;
b) realizar incursão e infiltração aeromóvel;
c) realizar reconhecimento aeromóvel;
d) executar fintas e demonstrações;
e) acelerar a conquista de objetivos em profundidade;
f) realizar assaltos de pequena envergadura sobre obstáculos fracamente defendidos ou não defendidos pelo inimigo;
g) conquistar e manter, por tempo limitado, acidentes capitais e objetivos de segurança;
h) vigiar ou bloquear vias de acesso em movimentos retrógrados e na proteção; e
i) ocupar posições de bloqueio e acidentes capitais, no aproveitamento do êxito e na perseguição.

4.3 OPERAÇÕES AEROTERRESTRES

4.3.1 A operação aeroterrestre (Op Aet) consiste em uma operação militar conjunta, envolvendo um movimento aéreo para introduzir forças de combate e seus respectivos apoios em uma área, por meio de aterragem das aeronaves ou por meio de lançamento de tropas com paraquedas, a fim de realizar uma ação de natureza tática ou estratégica, para emprego imediatamente após a chegada ao destino.

4.3.2 Os elementos de C Pqdt são os únicos da Arma aptos para participar de uma operação aeroterrestre. Em função de sua organização, equipamento de dotação e adestramento, podem participar de um assalto aeroterrestre.

4.3.3 Outros elementos de Cavalaria, particularmente fuzileiros e exploradores das unidades C Bld e C Mec, desde que desembarcados, podem ser aerotransportados, perdendo, porém, as vantagens táticas proporcionadas pelos seus meios orgânicos.

4.4 OPERAÇÕES DE SEGURANÇA

4.4.1 Compreendem o conjunto de ações e de medidas para proporcionar liberdade de manobra e preservação do poder de combate necessário ao emprego eficiente da força principal.

4.4.2 Uma operação de segurança (Op Seg) deve pautar-se pela detecção antecipada de uma ameaça, para que a força principal possa evitar essa ameaça ou reagir à mesma, neutralizando-a ou destruindo-a.

4.4.3 A segurança é proporcionada em distintos graus; e cada um deles condiciona o rol de tarefas que a força de segurança deve estar apta a cumprir. Os graus de segurança são:
a) COBERTURA - proporciona segurança a determinada região ou força por meio de elementos distanciados ou destacados, orientados na direção do inimigo e que procuram interceptá-lo, retardá-lo, desorganizá-lo, engajá-lo ou iludi-lo, antes que possa atuar sobre a região ou força coberta;
b) PROTEÇÃO - proporciona segurança a determinada região ou força, pela atuação de elementos nos flancos, frente ou retaguarda imediatos, com a finalidade de impedir a observação terrestre, o fogo direto e o ataque de surpresa do inimigo sobre a região ou força protegida; e
c) VIGILÂNCIA - proporciona segurança a determinada força ou região, pelo estabelecimento de uma série de postos de observação, complementados por adequadas ações, que procuram detectar a presença do inimigo tão logo este entre no raio de ação dos instrumentos óticos ou sensores eletrônicos do elemento que executa a vigilância.

4.4.4 As operações de segurança são baseadas nos seguintes fundamentos:
a) PROPORCIONAR ALERTA PRECISO E OPORTUNO AO ESCALÃO SUPERIOR - A força de segurança deve informar ao escalão superior, precisa e oportunamente, sobre a localização ou movimento das forças inimigas que possam constituir uma ameaça ao cumprimento de sua missão. Somente pelo alerta oportuno e informações precisas, fornecidas pela força de segurança ao escalão superior, pode o comandante decidir sobre a aplicação de seus meios, prazo e local para engajar-se com o inimigo e manobrar suas forças, a fim de obter surpresa e vantagens táticas;
b) GARANTIR ESPAÇO PARA MANOBRA - A força de segurança atua suficientemente distante da tropa em proveito da qual opera, de modo a garantir o prazo e o espaço suficientes para que possa manobrar, buscando ou evitando o contato com o inimigo. A distância entre ambas é ajustada em função da análise judiciosa dos fatores da decisão e do grau de segurança desejado;
c) ORIENTAR A EXECUÇÃO DA MISSÃO EM FUNÇÃO DA FORÇA EM PROVEITO DA QUAL OPERA - Uma força de segurança manobra, de acordo com a localização ou com o movimento da tropa em proveito da qual opera, interpondo-se entre ela e a conhecida, ou provável, ameaça do inimigo;
d) EXECUTAR UM CONTÍNUO RECONHECIMENTO - Toda força de

segurança deve executar um reconhecimento contínuo e agressivo, capaz de fornecer ao comandante informes sobre o terreno e o inimigo em sua zona de ação e, ainda, possibilitar a localização adequada da força de segurança em relação à tropa, em proveito da qual opera, e à ameaça inimiga; e
e) MANTER O CONTATO COM O INIMIGO - O contato com o inimigo deve ser mantido até que este não constitua mais uma ameaça ou que se afaste da zona de ação da tropa em proveito da qual a força de segurança opera. O comandante de uma força de segurança não pode, voluntariamente, romper o contato com o inimigo, a menos que seja determinado pelo comando superior. Se a força inimiga sair da zona de ação, deve-se informar a unidade vizinha, auxiliando-a no estabelecimento do contato com o inimigo.

4.4.5 A tropa de Cavalaria mais vocacionada para realizar operações de segurança é a C Mec, em função da sua organização e dos seus meios orgânicos.

4.4.6 As GU e U C Mec organizam seus elementos de manobra, de apoio ao combate e de apoio logístico (orgânicos ou em reforço), de acordo com o grau de segurança que devem proporcionar. Assim, podem compor as seguintes forças de segurança:
a) FORÇA DE COBERTURA - força taticamente autônoma que opera a uma considerável distância, orientada na direção do inimigo, em proveito de uma força estacionada ou em movimento. Em função de sua localização em relação à força a qual proporciona segurança, caracteriza-se como força de cobertura avançada, força de cobertura de flanco ou força de cobertura de retaguarda;
b) FORÇA DE PROTEÇÃO - é uma força de segurança que opera à frente, no flanco ou à retaguarda de uma tropa estacionada ou em movimento, a fim de protegê-la contra a observação terrestre, dos tiros diretos e dos fogos de surpresa. De acordo com as suas possibilidades, pode repelir, destruir ou retardar o inimigo que ameaça a força protegida. Opera dentro do alcance dos fogos de apoio da força protegida e pode caracterizar-se como vanguarda, flancoguarda ou retaguarda; e
c) FORÇA DE VIGILÂNCIA - força de segurança que estabelece uma cortina de vigilância, com a finalidade básica de dar o alerta oportuno sobre a aproximação do inimigo.

4.4.7 Também são consideradas forças de segurança aquelas que estabelecem a ligação entre duas forças de maior valor, visando a preencher áreas não ocupadas, chamadas de Forças de Ligação, e aquelas que realizam a Segurança da Área de Retaguarda (SEGAR).

4.4.8 As tropas que mobiliam os Postos Avançados Gerais (PAG) e os Postos Avançados de Combate (PAC) também são consideradas forças de segurança e atuam na área de segurança à frente do limite anterior da área de defesa avançada (LAADA).

4.4.9 Sob o contexto das Op Seg, são desencadeadas operações de reconhecimento (Op Rec), que visam a levantar dados e informações sobre o inimigo e a área de operações, a fim de subsidiar o planejamento operativo e a preparação do escalão superior.

4.4.10 As OM C Mec são os elementos de manobra da F Ter mais vocacionados para realizar operações de reconhecimento, devido às peculiaridades dos meios mecanizados e à organização de suas frações, que asseguram grande flexibilidade e mobilidade.

4.4.11 Há estreita relação entre uma operação de segurança e uma operação de reconhecimento, uma vez que todo reconhecimento proporciona certo grau de segurança ao escalão enquadrante da força que realiza a Op Rec. A Bda C Mec e o R C Mec, ao realizarem uma Op Seg, buscam estabelecer contato com o inimigo por meio de Op Rec, conduzidas por seus elementos de manobra subordinados.

4.4.12 Uma operação de reconhecimento possui como características:
a) planejamento centralizado e execução descentralizada;
b) atuação rápida e agressiva, evitando, tanto quanto possível, a interrupção do movimento;
c) segurança compatível durante o movimento;
d) ênfase na utilização da rede viária mais adequada;
e) máxima iniciativa dos comandos subordinados;
f) máximo emprego dos elementos de informações;
g) rápida transmissão dos informes obtidos ao escalão superior; e
h) carência de informações sobre o inimigo.

4.4.13 Os tipos de reconhecimento realizados pela C Mec são os seguintes:
a) RECONHECIMENTO DE EIXO - visa à obtenção de informes sobre um determinado eixo, sobre o terreno a ele adjacente e/ou sobre o inimigo que dele se utiliza;
b) RECONHECIMENTO DE ZONA - busca obter informes sobre o inimigo e/ou sobre a região de operações ao longo de uma faixa do terreno definida em largura e profundidade;
c) RECONHECIMENTO DE ÁREA - objetiva a coleta de informes sobre o inimigo e/ou terreno, dentro de uma área específica e perfeitamente definida em seu perímetro; e
d) RECONHECIMENTO DE PONTO - tem por objetivo a obtenção de informes sobre o inimigo e/ou sobre o terreno em um local específico.

4.4.14 O tipo de reconhecimento a ser realizado depende da consideração dos seguintes aspectos:
a) natureza dos dados desejados, quando e onde obtê-los;
b) conhecimento da situação do inimigo;
c) características do terreno e condições meteorológicas existentes;
d) composição e valor da força de reconhecimento; e

e) tempo calculado como necessário para a obtenção dos dados desejados.

4.4.15 As operações de reconhecimento são baseadas nos seguintes fundamentos:
a) ORIENTAR-SE SEGUNDO OS OBJETIVOS DE INFORMAÇÕES - o reconhecimento deve ser orientado para tropas inimigas, acidentes capitais do terreno, pontos sensíveis, localidades, direções de atuação, zonas ou áreas específicas. Diferente do que se observa nas missões de segurança, os elementos que realizam um reconhecimento atuam, de acordo com a localização ou o movimento dos objetivos de informações, condicionante essencial para o adequado cumprimento da missão;
b) INFORMAR TODOS OS DADOS OBTIDOS, COM RAPIDEZ E PRECISÃO - os dados, sejam eles positivos ou negativos, devem ser transmitidos logo que obtidos e devem ser participados tal como foram obtidos, não devendo conter opiniões, mas fatos;
c) EVITAR O ENGAJAMENTO DECISIVO - uma força de reconhecimento deve manter a sua liberdade de manobra. O engajamento em combate ocorre, quando necessário, para a obtenção dos dados desejados ou para evitar a destruição ou captura da força;
d) MANTER O CONTATO COM O INIMIGO - na execução de uma missão de reconhecimento, o contato deve ser obtido o mais cedo possível. Uma vez estabelecido, é mantido e não deve ser rompido voluntariamente, sem autorização do escalão superior. O contato pode ser mantido, também, valendo- se da observação terrestre ou aérea; e
e) ESCLARECER A SITUAÇÃO - quando o contato com o inimigo é estabelecido ou um obstáculo é encontrado, a situação deve ser esclarecida rapidamente. A localização, o valor, a composição e o dispositivo do inimigo são determinados e um esforço especial é feito para identificar os flancos da posição inimiga. De acordo com a missão, o comandante deve rapidamente decidir se ataca ou desborda a resistência inimiga. De imediato dá conhecimento ao escalão superior da decisão tomada, incluindo dados obtidos sobre o inimigo pelo reconhecimento.

4.4.16 Ao estabelecer contato com o inimigo, a força que reconhece deve realizar as seguintes ações:
a) DESDOBRAR E INFORMAR - os elementos de reconhecimento adotam formações e posições que lhes confiram melhores condições para observar o inimigo, atirar e manobrar sobre o mesmo. Ao mesmo tempo, devem informar ao escalão superior o estabelecimento do contato;
b) ESCLARECER A SITUAÇÃO - deve ser realizado um reconhecimento minucioso com a finalidade de determinar o dispositivo, valor, composição e atitudes do inimigo. Especial atenção deve ser dispensada para que sejam determinados os flancos da posição inimiga. Toda vez que os fatores da decisão permitirem, deve ser realizado um reconhecimento embarcado, caso contrário, tal missão é atribuída às patrulhas a pé. Os elementos não envolvidos nesse reconhecimento pormenorizado devem apoiar a execução do

mesmo pelas patrulhas (embarcadas ou a pé). No caso de haver premência de tempo, pode ser realizado um reconhecimento pelo fogo;
c) SELECIONAR UMA LINHA DE AÇÃO - imediatamente após o esclarecimento da situação, o comandante deve decidir por uma linha de ação, atacando, mantendo o contato com o inimigo ou desviando as resistências. Esta última depende de autorização do escalão superior, sendo elencados elementos para a manutenção do contato com o inimigo; e
d) INFORMAR A LINHA DE AÇÃO SELECIONADA - a linha de ação adotada deve ser informada ao escalão superior, juntamente com informes adicionais obtidos, a partir do esclarecimento da situação.

4.5 OPERAÇÕES CONTRA FORÇAS IRREGULARES

4.5.1 As operações contra forças irregulares (F Irreg) compreendem um conjunto abrangente de esforços integrados, civis e militares, desencadeados para derrotar forças irregulares, nacionais ou estrangeiras, dentro ou fora do território nacional.

4.5.2 Os elementos de Cavalaria participam desse tipo de operação contribuindo para erradicar a ameaça proveniente das forças irregulares, sobretudo seu braço armado, isolando-as de seus apoios locais, desmantelando sua infraestrutura e neutralizando seu poder de combate.

4.5.3 Nesse contexto, os elementos de Cavalaria são aptos a realizar as seguintes ações, particularmente contra o braço armado de uma força irregular:
a) prover a segurança, especialmente de área de retaguarda e de pontos sensíveis;
b) reconhecer a área de atuação das forças irregulares;
c) monitorar regiões de interesse para inteligência (RIPI);
d) conquistar e manter acidentes capitais que possibilitem o desdobramento de outras tropas;
e) realizar ações diretas em conjunto com tropas desembarcadas;
f) patrulhar vias;
g) ocupar posições de bloqueio (P Bloq);
h) estabelecer postos de segurança estáticos (PSE) e postos de bloqueio e controle de estradas/vias urbanas (PBCVU);
i) conduzir atividades, em conjunto com elementos de assuntos civis, para obter o apoio da população local;
j) realizar isolamento e cerco em apoio às operações especiais;
k) executar ações de controle da população;
l) realizar escoltas de comboio e de autoridades; e
m) compor a reserva de um escalão considerado.

4.5.4 Quando o terreno permitir, elementos de C Bld podem ser empregados em demonstrações de força, segurança de comboios, escolta de autoridades e ações ofensivas. Podem, também, em função da mobilidade, potência de fogo

e ação de choque de seus meios orgânicos, compor a reserva da força que realiza a operação.

4.5.5 No emprego de meios blindados nessas operações, é importante considerar que podem ser facilmente emboscados pelas forças irregulares, podendo suas viaturas ser destruídas ou neutralizadas pela utilização de armas anticarro (AC), inclusive improvisadas. Por isso, deve, sempre que possível, contar com o apoio aproximado de elementos fuzileiros.

4.5.6 Os meios mecanizados e os equipamentos de comunicações dos quais são dotados, habilitam os elementos C Mec a atuar na segurança das vias de circulação, áreas e instalações, estabelecer posições de bloqueio em vias de acesso, realizar reconhecimentos e vigilância de áreas de interesse, coletar e transmitir informes com maior rapidez, proporcionar segurança ou escolta para autoridades, segurança de comboios e participar de ações para interdição do apoio externo às forças irregulares.

4.5.7 Os elementos C Pqdt e C Aeromóvel podem ser empregados nesse tipo de operação, atuando desembarcados, tendo como vantagem a possibilidade de realizarem um desembarque vertical em áreas de difícil acesso e próximas aos locais de atuação.

4.5.8 Os elementos de Cavalaria de Guarda podem ser empregados nas operações contra forças irregulares, contribuindo em ações que visem a propiciar a segurança de área, o controle da população e a escolta de comboios e de autoridades.

4.6 OPERAÇÕES DE DISSIMULAÇÃO

4.6.1 As operações de dissimulação contribuem para a aplicação dos princípios da segurança e da surpresa, aumentando a probabilidade de sucesso de uma operação de maior vulto. Pode ser realizada para compensar um poder relativo de combate desfavorável e permitir o emprego judicioso dos homens, material e tempo.

4.6.2 As GU e U de Cavalaria conduzem ou participam de uma operação de dissimulação, visando a iludir o inimigo, levando-o a deduzir de forma incorreta ou incompleta o dispositivo de nossas tropas, suas possibilidades e reais intenções, de tal forma que aja de uma maneira que lhe seja desvantajosa.

4.6.3 Os elementos de Cavalaria são altamente capacitados a participar desse tipo de operação, em face da peculiaridade de seus meios orgânicos e de suas características de mobilidade tática e flexibilidade, que lhe possibilitam deslocar, concentrar e dispersar meios com rapidez.

4.6.4 As tropas de Cavalaria participam de operações de dissimulação por meio da realização de fintas e demonstrações.

4.6.5 As fintas são ações em força realizadas com a finalidade de iludir o inimigo quanto à frente em que será realizado o ataque principal. Normalmente, são ataques pouco profundos, de objetivo limitado, podendo variar desde uma pequena incursão até um ataque secundário. Visam, dentre outras finalidades, a:

a) forçar o inimigo ao emprego inadequado de suas reservas;

b) orientar o fogo de apoio inimigo para longe do ataque principal; e

c) forçar o inimigo a revelar os fogos defensivos ou acostumá-lo a ataques pouco profundos, de modo a obter surpresa quando for executada a ação decisiva.

4.6.6 A demonstração é uma atuação ou uma apresentação de forças em uma determinada área sem que haja o engajamento em combate. Difere da finta porque não há progressão contra o inimigo. São empregados fogos, fumaça e outros artifícios, a fim de iludir o inimigo quanto às nossas intenções e possibilidades. É mais eficiente quando há um obstáculo entre o inimigo e as forças de demonstração.

4.7 OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO

4.7.1 Consiste na atuação integrada das capacidades relacionadas à informação, em conjunto com outros vetores, para informar e influenciar grupos e indivíduos. Protege o ciclo decisório da Força, afetando o do oponente. Além disso, visa a evitar, impedir ou neutralizar os efeitos das ações adversas na dimensão informacional.

4.7.2 Os elementos de Cavalaria podem ser empregados nessas operações, em apoio às ações de comunicação social, de assuntos civis, de operações psicológicas (como elemento dissuasório para atingir objetivos específicos) e de inteligência, por meio da busca de informes. Os elementos de reconhecimento e exploradores das unidades blindadas e mecanizadas podem contribuir com o esforço de inteligência.

4.8 OPERAÇÕES ESPECIAIS

4.8.1 As operações especiais são aquelas conduzidas por forças militares especialmente organizadas, treinadas e equipadas, em ambientes hostis, negados ou politicamente sensíveis, visando a atingir objetivos militares, políticos, informacionais e/ou econômicos, empregando competências e capacidades específicas, não encontradas nas forças convencionais. Podem ser realizadas de maneira ostensiva, sigilosa ou coberta.

4.8.2 Nesse contexto, as tropas de Cavalaria podem ser empregadas em apoio às forças de operações especiais, realizando tarefas tais como: escolta de comboios, bloqueio e isolamento de áreas ou pontos, atuação como sensor de inteligência, apoio à exfiltração de Elm Op Esp e evacuação de não combatentes, dentre outras.

4.9 OPERAÇÕES DE BUSCA, COMBATE E SALVAMENTO

4.9.1 Ao participar de uma operação de busca, combate e salvamento (BCS), as tropas de Cavalaria podem ser empregadas para localizar e socorrer aeronaves abatidas ou acidentadas, materiais e instalações diversas, avariados ou sinistrados e, também, socorrer suas tripulações ou pessoas em perigo.

4.9.2 A Cavalaria Aeromóvel, em razão de suas características e adestramento, é a mais apta a ser empregada neste tipo de operação.

4.10 OPERAÇÕES DE EVACUAÇÃO DE NÃO COMBATENTES

4.10.1 As operações de evacuação de não combatentes (Op Ev N Cmb) são realizadas fora do território nacional, com o objetivo de evacuar não combatentes, preferencialmente brasileiros, impossibilitados de prover sua autodefesa de forma adequada, desde seus locais de origem no país anfitrião para um local de destino seguro (LDS).

4.10.2 As tropas de Cavalaria Mecanizada, Aeromóvel, Paraquedista e de Selva, em função das especificidades de seus meios orgânicos e de suas características, são dotadas de mobilidade tática e flexibilidade que lhes permitem melhor atuar nesses tipos de operação. Tais tropas podem ser empregadas para:
a) estabelecer a segurança de postos de triagem (P Trg) e do próprio LDS;
b) realizar a segurança de comboios;
c) realizar patrulhamento de corredores humanitários;
d) auxiliar no transporte de não combatentes; e
e) operar postos de controle de civis (PCC).

4.11 OPERAÇÕES DE JUNÇÃO

4.11.1 A junção é uma operação que envolve a ação de duas forças terrestres amigas que buscam se ligar diretamente. Pode ser realizada entre uma força em deslocamento e outra estacionária, ou entre duas forças em movimentos convergentes.

4.11.2 As tropas de Cavalaria realizam operações de junção nas seguintes situações:

a) em operações aeroterrestres ou aeromóveis;
b) na substituição de uma força isolada;
c) em um ataque para juntar-se a uma força de infiltração;
d) na ruptura do cerco a uma força;
e) no auxílio a uma força dividida;
f) na convergência de forças independentes; e
g) no encontro com forças irregulares amigas.

4.11.3 No caso da junção ocorrer entre uma força estacionária e uma força móvel, chamada de força de junção, esta última realiza uma ação ofensiva que busca estabelecer contato físico com a força estacionária.

4.11.4 A força estacionária, por sua vez, conduz uma ação predominantemente defensiva, cuja finalidade é manter a posse da região onde está previsto ocorrer a junção.

4.11.5 Quando duas forças em movimento realizam uma junção, as medidas de coordenação e controle devem ser intensificadas. Após a sua concretização, as forças continuam no cumprimento de suas missões.

4.11.6 Considerando o elevado risco de fratricídio em operações dessa natureza, o planejamento de uma operação de junção deve privilegiar o detalhamento das medidas de coordenação e controle tais como:
a) definição das relações e responsabilidades de comando;
b) ligações de comando e de estados-maiores;
c) coordenação dos esquemas de manobra;
d) medidas de coordenação de fogos;
e) compatibilização dos sistemas de comando e controle;
f) coordenação e troca de planos de comunicações;
g) estabelecimento de um sistema de reconhecimento mútuo; e
h) ações a serem realizadas após a junção.

4.11.7 A Cavalaria Blindada, pelas suas características, é a tropa mais apta a compor uma força de junção.

4.12 OPERAÇÕES DE INTERDIÇÃO

4.12.1 São operações executadas para dificultar ou impedir que o inimigo se beneficie de determinada região, instalações ou materiais. As ações realizadas nessas operações abrangem normalmente o emprego de fogos aéreos e de artilharia, ocupação da área por forças terrestres, infiltração de tropas de operações especiais, sabotagens, barreiras e ações de guerrilha.

4.12.2 Em uma operação de interdição, os elementos de Cavalaria atuam com o objetivo de restringir o movimento e a manobra do inimigo, interferindo,

significativamente, no seu sistema de comando e controle, contribuindo, ainda, para a segurança das forças amigas.

4.12.3 Em geral, devido às suas características, as unidades C Mec reúnem as condições necessárias para participar de operações dessa natureza, particularmente, quando for necessário atuar em largas frentes e grandes profundidades.

4.13 OPERAÇÕES DE TRANSPOSIÇÃO DE CURSO DE ÁGUA

4.13.1 A operação de transposição de curso de água visa a levar o poder de combate para a margem oposta, transpondo um obstáculo aquático, assegurando a integridade e a impulsão das forças.

4.13.2 Uma transposição de curso de água pode ser imediata ou preparada. A transposição imediata é uma operação planejada e executada com um mínimo de perda de impulsão pela tropa que se defronta com o obstáculo. Na transposição preparada, a tropa atacante é obrigada a uma parada para a concentração das forças e dos meios de travessia necessários, perdendo sua impulsão.

4.13.3 Dependendo das características do curso de água, os elementos C Bld e C Mec, em função das suas características e dos meios de dotação anfíbios, podem participar de transposições imediatas. Por ocasião de uma transposição preparada, podem realizar ações de dissimulação em apoio à operação de transposição.

4.13.4 Nas operações ofensivas, as tropas de Cavalaria podem ser empregadas nas seguintes tarefas, a fim de contribuírem para o êxito e a rapidez da operação de transposição do curso de água:
a) reconhecimento das vias que conduzem ao curso de água e dos locais de travessia;
b) conquista de pontes e meios descontínuos de travessia intactos;
c) conquista dos locais de travessia;
d) conquista e manutenção de objetivos que dominem os locais de travessia;
e) realização de ações de dissimulação; e
f) contra-ataques para neutralizar penetrações do inimigo na cabeça de ponte, caso tenha sido estabelecida.

4.13.5 No aproveitamento do êxito, encontrando um curso de água obstáculo, a tropa de Cavalaria realiza todos os esforços para prosseguir no avanço, sem paradas ou concentrações de valor significativo em ambas as margens. As unidades são dirigidas para a conquista de regiões de passagens. A aproximação do curso de água deve ser feita com a máxima velocidade e em larga frente, buscando a surpresa.

4.13.6 A surpresa e a oportunidade do ataque podem criar condições para a conquista de pontes intactas. Os fogos de apoio podem ser empregados para a conquista de uma ponte intacta, por meio da neutralização dos meios que a defendem. As vantagens obtidas pela captura de uma ponte devem ser exploradas. Medidas de dissimulação podem ser realizadas, a fim de iludir o inimigo quanto ao principal local de travessia.

4.13.7 Quando não for possível conquistar pontes intactas, busca-se realizar uma transposição imediata em larga frente, tirando proveito das características anfíbias das viaturas orgânicas dos elementos blindados e mecanizados. Os carros de combate podem apoiar pelo fogo a transposição dos primeiros elementos, até que sejam criadas as condições para sua própria transposição.

4.13.8 A transposição de um curso de água obstáculo, por uma tropa de Cavalaria que executa um movimento retrógrado, requer um planejamento tão detalhado quanto possível e um controle centralizado. Dependendo das ações do inimigo, a existência de uma força de segurança na segunda margem pode tornar-se imprescindível para o sucesso da transposição pela tropa que realiza o movimento retrógrado. Na oportunidade em que os últimos elementos rompem o contato com o inimigo e executam a transposição, cresce de importância o apoio de fogo.

4.14 OPERAÇÕES ANFÍBIAS

4.14.1 As operações anfíbias (Op Anf) consistem em um desembarque de forças terrestres em litoral defendido por forças oponentes; ou em sua retirada de um litoral, por meios navais, em virtude da ação do inimigo. A finalidade principal de uma operação anfíbia é a conquista de uma cabeça de praia para permitir o lançamento de uma ofensiva terrestre.

4.14.2 A Cavalaria Blindada, devido às características de seus meios orgânicos, normalmente, não participa das etapas iniciais do assalto anfíbio. Entretanto, em determinadas situações, pode tornar-se indicado o emprego de unidades C Bld, a fim de estabelecer a junção com forças aeromóveis ou aeroterrestres, ou para conquistar um ponto-chave do terreno que domine a área de desembarque.

4.14.3 Os elementos C Bld e C Mec podem participar de operações anfíbias, desembarcando em praias asseguradas para avançar para o interior, ampliando a cabeça de praia estabelecida.

4.14.4 Os elementos C Pqdt e C L Amv, quando desembarcados, podem participar da fase inicial de uma operação anfíbia.

4.15 OPERAÇÕES RIBEIRINHAS

4.15.1 São operações conjuntas ou singulares realizadas para obter e manter o controle de parte ou toda uma área ribeirinha, ou para negá-la ao inimigo. Exige, normalmente, o controle simultâneo das hidrovias selecionadas e respectivas margens.

4.15.2 A existência de espaços vazios e não controlados favorece a infiltração e a obtenção da surpresa, por meio do emprego de forças irregulares e de operações especiais inimigas na execução de emboscadas e incursões. Com isso, aumenta a necessidade de segurança das instalações, dos movimentos a cavaleiro dos eixos e do fluxo de suprimentos.

4.15.3 Para minorar tais óbices, elementos C Mec podem realizar reconhecimentos, proteger deslocamentos, realizar escolta de comboios, assim como assegurar a livre utilização dos eixos, negando-os ao inimigo.

4.15.4 Ao participarem de uma operação ribeirinha, as tropas de Cavalaria Paraquedista, Aeromóvel e de Selva podem realizar o controle ou a proteção de parte ou de toda uma área ribeirinha, empregando seus meios orgânicos ou com o apoio de embarcações e aeronaves de asa rotativa.

4.16 OPERAÇÕES CONTRA DESEMBARQUE ANFÍBIO

4.16.1 É uma operação eminentemente conjunta, executada por forças destinadas à defesa do litoral contra ações de desembarque anfíbio inimigo.

4.16.2 As unidades de Cavalaria participam de operações contra desembarque anfíbio (Op C Dbq Anf) utilizando-se das mesmas técnicas, táticas e procedimentos de uma defesa de área. Buscam desgastar e desorganizar o inimigo pelo fogo, durante seu deslocamento para a praia e na iminência do desembarque. Caso o desembarque se concretize, podem limitar a cabeça de praia e atacar o inimigo para destruí-lo.

4.16.3 Os elementos C Bld são particularmente aptos a realizar contra-ataques para destruir o inimigo que logrou desembarcar.

4.17 OPERAÇÕES DE ABERTURA DE BRECHA

4.17.1 A operação de abertura de brecha consiste na preparação e execução de uma passagem ou caminho que se abre através dos obstáculos inimigos para permitir a progressão de pessoal ou tropas.

4.17.2 As tropas de Cavalaria devem, sempre que possível, desbordar os obstáculos. Contudo, uma operação de abertura de brecha será necessária

quando a situação apresentada não possibilitar o desbordamento do obstáculo. Normalmente, o rompimento das linhas de obstáculos ocorre como consequência da existência de um dispositivo defensivo linear inimigo, onde não haja flanco exposto.

4.17.3 A Cavalaria conduz ou participa de uma operação de abertura de brecha empregando uma maciça superioridade de poder de combate, particularmente no que se refere à realização de fogos.

4.17.4 A brecha será aberta, em princípio, por elementos de engenharia de combate. Os elementos de Cavalaria fornecem a segurança e realizam reconhecimentos em apoio à unidade de engenharia que estiver compondo a força de abertura de brecha.

4.17.5 As tropas de Cavalaria, em razão de suas características, normalmente, compõem a Força de Apoio ou a Força de Assalto durante a operação, sendo que a Cavalaria Blindada é a mais apta a integrar essas forças.

4.17.6 A Cavalaria pode, ainda, cumprir tarefas em proveito das operações de abertura de brechas, tais como:
a) reconhecer itinerários desbordantes;
b) localizar posições de fogos inimigos;
c) identificar itinerários para realização de contra-ataques na área do obstáculo; e
d) apoiar na redução do obstáculo.

4.18 OPERAÇÕES EM ÁREA EDIFICADA

4.18.1 Operação em área edificada é aquela realizada com o propósito de obter e manter o controle de parte ou de toda uma área edificada, ou para negá-la ao inimigo.

4.18.2 A Cavalaria pode ter que combater em áreas edificadas com as seguintes finalidades: limpar uma localidade defendida que seria necessária para prosseguir em seu avanço, manter abertas as vias de transportes terrestres críticas e por não possuir tropas aptas à realização deste tipo de operação.

4.18.3 As áreas edificadas, normalmente, caracterizam-se como acidentes capitais em função do controle de vias de transporte e passagem sobre rios obstáculos, de domínio de vias fluviais navegáveis, da existência de um porto ou aeroporto, da existência de parque industrial e tecnológico, dentre outros aspectos.

4.18.4 Por se desenvolver em terreno humanizado, tem importância a análise das considerações civis, durante o planejamento e condução das operações.

As infraestruturas críticas são objetivos significantes e, sempre que possível, devem estar sob controle de nossas forças.

4.18.5 A restrição ao movimento de viaturas e os limitados campos de tiro e de observação dificultam o emprego de forças blindadas e mecanizadas nas operações em áreas edificadas. A canalização do movimento das viaturas facilita sua destruição, por meio da utilização de armas anticarro.

4.18.6 No transcurso das operações, sempre que possível, as áreas edificadas devem ser desbordadas pelas tropas de Cavalaria. O emprego de elementos de Cavalaria, no assalto às áreas edificadas, não se constitui na melhor exploração das suas características.

4.18.7 A Cavalaria Blindada é mais apta ao emprego no cerco e isolamento das áreas edificadas. A Cavalaria Mecanizada está vocacionada para atuar, também, no investimento, podendo constituir frações provisórias e privilegiando, ao máximo, a descentralização de ações.

4.18.8 As unidades C Mec podem atacar ou defender áreas edificadas ou, ainda, realizar operações de reconhecimento nessas áreas. Sua capacidade de manter o terreno, no entanto, é restrita, face aos pequenos efetivos de tropas a pé que possuem. Logo, ainda que tenham condições, não possuem as melhores condições para serem empregadas nessas atividades.

4.18.9 ATAQUE A LOCALIDADE

4.18.9.1 O ataque a localidade envolve o emprego de uma força de isolamento e de uma força de investimento.

4.18.9.2 A <u>força de isolamento</u> bloqueia as vias de acesso à localidade, conquistando regiões que interceptem suas entradas e saídas. A missão desta força é apoiar a força de investimento, neutralizando os elementos inimigos que tentem entrar ou sair da localidade. Forças-tarefas à base de tropas de Cavalaria Blindada constituem os elementos mais adequados para compor uma força de isolamento.

4.18.9.3 A <u>força de investimento</u> executa a progressão no interior da localidade e é constituída, basicamente, por fuzileiros e exploradores, sendo reforçada por carros de combate e viaturas blindadas, quando o seu emprego contribuir decisivamente para a conquista da localidade.

4.18.10 DEFESA DE LOCALIDADE

4.18.10.1 Para a defesa de localidade, as ações de defesa ficam, normalmente, a cargo de tropas de Cavalaria fortes em fuzileiros (FT Fuz), enquanto que os contra-ataques são realizados por tropas fortes em carros de combate (FT CC).

4.18.10.2 A defesa de uma área edificada é organizada em torno dos acidentes capitais que possibilitem a manutenção da integridade do sistema defensivo e proporcionem facilidades ao movimento e liberdade de ação do defensor. Deve ser realizado o máximo emprego de escombros e outros obstáculos. A defesa deve ser organizada em profundidade.

CAPÍTULO V

A CAVALARIA NAS AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES TERRESTRES

5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.1.1 As unidades de Cavalaria são aptas a conduzir ou participar de uma série de ações comuns às operações terrestres. Tais ações normalmente são realizadas em complemento às operações básicas, com intensidade variável em cada tipo de operação.

5.1.2 Considerando o grau de coordenação que requerem e a sua abrangência, os elementos de Cavalaria, de acordo com as capacidades inerentes a cada tipo e natureza de tropa, podem conduzir ou participar das seguintes ações comuns:
a) reconhecimento, vigilância e segurança;
b) planejamento e coordenação do apoio de fogo;
c) substituição de unidades de combate;
d) cooperação civil-militar;
e) defesa química, biológica, radiológica e nuclear;
f) operações psicológicas;
g) guerra eletrônica;
h) defesa antiaérea; e
i) comunicação social.

5.2 RECONHECIMENTO, VIGILÂNCIA E SEGURANÇA

5.2.1 Ações comuns de reconhecimento, vigilância e segurança podem ser realizadas por elementos de Cavalaria em qualquer tipo de operação, em situação de guerra ou de não guerra. Tais ações completam-se mutuamente e proporcionam a obtenção de dados sobre o inimigo e a área de operações, propiciando melhores condições para a tomada de decisão e maior proteção à tropa empregada.

5.2.2 RECONHECIMENTO

5.2.2.1 O reconhecimento é a ação comum realizada por qualquer tropa, com o propósito de obter informes sobre o inimigo e a área de operações, em proveito próprio.

5.2.2.2 Nos RCB, nos RCC e nas OM Mec, as frações de exploradores são as mais aptas a realizar ações de reconhecimento em proveito da missão dessas unidades.

5.2.3 VIGILÂNCIA

5.2.3.1 A vigilância é a ação conduzida com o propósito de detectar, registrar e informar o ocorrido em determinado setor de observação. Constitui-se em uma das principais formas para a identificação e localização de alvos e monitoramento de atividades do inimigo.

5.2.3.2 Embora as unidades C Mec sejam mais vocacionadas para esse tipo de ação, todas as OM de Cavalaria são aptas a realizar ações de vigilância em proveito próprio.

5.2.4 SEGURANÇA

5.2.4.1 As ações de segurança compreendem o conjunto de medidas que podem ser adotadas por todas as OM para prevenirem-se e protegerem-se da inquietação, da surpresa e da observação por parte do oponente.

5.2.4.2 Nesse sentido, todas as tropas de Cavalaria estão aptas a realizar ações de segurança em proveito próprio, sendo responsáveis pela sua própria segurança.

5.2.4.3 Segurança da Área de Retaguarda (SEGAR)

5.2.4.3.1 São ações executadas na área de retaguarda de um determinado escalão, para evitar a interferência do oponente ou para mitigar seus efeitos, além de controlar os efeitos de uma ameaça relacionada a catástrofes (naturais ou provocadas pelo homem), visando a preservar o poder de combate da tropa empregada.

5.2.4.3.2 No transcurso das operações, a área de retaguarda de uma força pode, rapidamente, se tornar vulnerável a possíveis ações inimigas. Assim, no planejamento da SEGAR, devem ser considerados:
a) as largas frentes com espaços não ocupados;
b) os diversos tipos de ameaças;
c) as ações em profundidade;
d) a não linearidade; e
e) a não continuidade do campo de batalha.

5.2.4.3.3 A SEGAR compreende dois tipos de ação: a defesa de área de retaguarda (DEFAR) e o controle de danos (C Dan).

5.2.4.3.4 Elementos C Mec são a tropa mais apta a conduzir uma DEFAR em função das peculiaridades dos seus meios orgânicos e da organização de suas unidades que lhe confere grande flexibilidade e capacidade de combate.

5.2.4.3.5 As unidades de Cavalaria Mecanizada também podem fornecer elementos para integrar os Destacamentos de Controle de Danos, contribuindo

para as ações que visam a minimizar os efeitos das ações do oponente ou das catástrofes na nossa área de retaguarda.

5.2.4.4 Ações Contra Blindados

5.2.4.4.1 As tropas de Cavalaria devem planejar a defesa anticarro para cobrir as prováveis vias de acesso de blindados inimigos, atentando, inclusive, para as áreas do terreno aparentemente desfavoráveis ao seu emprego.

5.2.4.4.2 Deve-se tirar o máximo proveito dos obstáculos naturais, das crateras e dos campos de minas anticarro para facilitar a destruição dos meios do adversário ou para canalizá-los para os campos de tiro das armas anticarro.

5.2.4.4.3 Os meios de dotação das unidades de Cavalaria, particularmente os meios blindados e mecanizados, proporcionam a potência de fogo e a proteção blindada necessárias para fazer face a um oponente que emprega meios blindados. As Seções de Mísseis Anticarro, orgânicas dessas unidades, são excelentes meios para emprego nesse tipo de ação.

5.2.4.5 Ações contra Forças Aeroterrestres e Aeromóveis

5.2.4.5.1 As tropas de Cavalaria contribuem para as ações contra um envolvimento aeroterrestre ou um assalto aeromóvel, com o estudo do terreno de sua zona de ação para identificar possíveis zonas de lançamento (ZL), zonas de desembarque (Z Dbq), locais de aterragem (Loc Ater), zonas de pouso de helicópteros (ZPH) e campos de pouso.

5.2.4.5.2 A rapidez na contenção e no contra-ataque sobre o inimigo que conseguiu realizar um envolvimento vertical ou um assalto aeromóvel é vital para impedir a sua reorganização. Assim, elementos C Bld e C Mec são especialmente aptos a serem empregados contra F Aet e F Amv inimigas, particularmente no momento do desembarque.

5.2.4.6 Ações contra Forças de Infiltração

5.2.4.6.1 Todos os recursos disponíveis, pessoal e material, devem ser empregados pelas unidades de Cavalaria no monitoramento de áreas prováveis de infiltração de forças inimigas.

5.2.4.6.2 As frações de Exploradores das unidades C Bld e C Mec são particularmente aptos a realizar esses tipos de ações.

5.2.4.6.3 Contudo, todos os elementos de Cavalaria devem estar aptos a conduzir ou participar de ações contra forças de infiltração, em suas respectivas áreas de responsabilidade, por meio de:
a) patrulhas de combate;
b) medidas de contrainteligência;

c) obstáculos antipessoal; e
d) dispositivos de alarme e de vigilância terrestre e aérea, quando disponíveis.

5.2.4.7 Ações contra Forças Irregulares

5.2.4.7.1 Em função da vulnerabilidade das forças e das infraestruturas localizadas na área de retaguarda e da vocação dos elementos C Mec para serem empregados em SEGAR, as tropas de Cavalaria devem estar aptas a conduzir ações contra forças irregulares.

5.2.4.7.2 As unidades de Cavalaria devem valer-se da mobilidade tática de seus elementos de reconhecimento para identificar possíveis áreas para o estabelecimento de bases de forças irregulares, empregando seus elementos de combate para negar-lhes o uso de fontes de suprimento e de meios de comunicações existentes na área de operações.

5.2.4.8 Ações de Contrarreconhecimento

5.2.4.8.1 São ações táticas adotadas por uma força que englobam todas as tarefas destinadas a impedir os esforços de reconhecimento e vigilância por parte do inimigo. O contrarreconhecimento (C Rec) é componente importante de uma operação de segurança e suas ações podem ser de natureza ofensiva ou defensiva.

5.2.4.8.2 No contrarreconhecimento ofensivo, busca-se o contato com os elementos de reconhecimento do inimigo e a sua destruição ou neutralização.

5.2.4.8.3 No contrarreconhecimento defensivo, as ações são, normalmente, conduzidas à retaguarda de obstáculos naturais ou artificiais, canalizando as linhas de infiltração do inimigo para áreas de engajamento, onde suas forças possam ser neutralizadas.

5.2.4.8.4 O objetivo principal do C Rec defensivo é evitar que os elementos de reconhecimento inimigos penetrem em determinadas regiões ou partes da zona de ação de uma força amiga, impedindo-os de obter informações acerca desta força.

5.2.4.8.5 A Força de C Rec Ofensivo é composta por elementos de observação, instalados em PO, com a missão de identificar a ação do inimigo, e de elementos de ataque, com a mobilidade tática e o poder de fogo necessários para destruir/neutralizar os elementos de reconhecimento inimigos.

5.2.4.8.6 Os elementos empregados no contrarreconhecimento devem ser escalonados em profundidade, a fim de obter maior efetividade nas ações contra as forças de reconhecimento inimigas.

5.2.4.8.7 Devido à sua mobilidade tática, capacidade de combate e flexibilidade, as tropas C Mec são as mais aptas a conduzir ações de contrarreconhecimento.

5.3 PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DO APOIO DE FOGO

5.3.1 O planejamento do apoio de fogo consiste no levantamento de necessidades, aquisição, análise e seleção de alvos, emissão de pedidos de apoio de fogo e indicação de meios para atuação. É consolidado no mais alto escalão por meio de uma lista de prioridades.

5.3.2 A coordenação do apoio de fogo é um processo que tem por objetivo a aplicação de fogos na dosagem apropriada, de forma sincronizada e no momento oportuno, para obter os efeitos desejados.

5.3.3 Os principais meios de apoio de fogo orgânicos das unidades de Cavalaria são os Pelotões de Morteiro Pesado (Pel Mrt P). Em complemento aos fogos orgânicos de morteiros, as unidades podem receber meios de artilharia de campanha em reforço e, também, apoio de fogo aéreo.

5.3.4 O Oficial de Apoio de Fogo de uma unidade de Cavalaria é o responsável pelo planejamento dos fogos, conforme orientação recebida do Oficial de Operações. Para executar seu trabalho, mantém estreita ligação com o comandante do Pel Mrt P e com o Coordenador de Apoio de Fogo da unidade, função desempenhada pelo Oficial de Ligação de Artilharia (O Lig Art).

5.3.5 Nas subunidades de Cavalaria, a função de Oficial de Apoio de Fogo é desempenhada pelo próprio comandante, assessorado pelo Observador Avançado (OA) de Artilharia.

5.3.6 Para a coordenação do apoio de fogo, as GU de Cavalaria contam com os Centros de Coordenação do Apoio de Fogo (CCAF), órgãos onde os representantes de todos os meios de apoio de fogo, orgânicos ou não, trabalham juntos no planejamento e coordenação dos fogos.

5.3.7 Cada unidade de Cavalaria elabora o seu Plano de Apoio de Fogo (PAF), documento que integra o apoio de fogo à manobra e regula o emprego de todos os meios de apoio de fogo de que dispõe. Este plano contém ordens e normas detalhadas para a execução coordenada do apoio de fogo dessa unidade.

5.4 SUBSTITUIÇÃO DE UNIDADES DE COMBATE

5.4.1 Quando as operações terrestres se estendem por períodos prolongados, torna-se necessária a substituição periódica de unidades empregadas no combate, especialmente aquelas desdobradas em primeiro escalão.

5.4.2 Os tipos de substituições em combate são:
a) a substituição em posição;
b) a ultrapassagem; e
c) o acolhimento.

5.4.3 Nas substituições de unidades em combate, a ultrapassagem e o acolhimento são de especial interesse para os elementos de Cavalaria, particularmente para os elementos C Bld e C Mec. Muitas das missões desses elementos são iniciadas com a ultrapassagem de outra tropa desdobrada no terreno ou terminam com um acolhimento em uma posição defensiva ou de retardamento.

5.4.4 SUBSTITUIÇÃO EM POSIÇÃO

5.4.4.1 A substituição em posição é uma ação na qual, por ordem do escalão superior, uma força ou parte dela é substituída por outra em uma posição estática. O objetivo é dar prosseguimento às ações de defesa ou à preparação de uma operação ofensiva subsequente.

5.4.4.2 As unidades de Cavalaria, normalmente, não conduzem uma operação de substituição em posição, devido à dificuldade de camuflar o movimento das suas viaturas, particularmente na manutenção de um sistema defensivo. Entretanto, podem participar como integrantes de uma força que realiza uma substituição em posição ou podem, ainda, dirigir e controlar substituições em posição de suas frações.

5.4.5 ULTRAPASSAGEM

5.4.5.1 A ultrapassagem é uma ação em que uma força ataca através de outra que se encontra em contato com o inimigo. É executada por uma força para substituir outra desfalcada, dispersa ou sem condições de prosseguir ou de iniciar um ataque.

5.4.5.2 Os elementos da força em contato com o inimigo permanecem em posição e apoiam a força que ultrapassa, até que seus fogos se tornem ineficazes. A força ultrapassada pode permanecer em posição ou ser empregada em outra ação.

5.4.5.3 As GU C Mec, normalmente, apoiam uma ultrapassagem, particularmente, quando atuam como força de cobertura avançada (F Cob Avçd), no contexto de operações ofensivas.

5.4.5.4 As GU C Bld, tendo em vista sua mobilidade tática, potência de fogo e ação de choque, normalmente, conduzem uma operação de substituição realizando uma ultrapassagem.

5.4.5.5 Na coordenação de uma ultrapassagem, os comandantes de Cavalaria devem prever:
a) a troca de planos táticos;
b) a realização de reconhecimentos;
c) a seleção de áreas e itinerários de ultrapassagem;
d) a prioridade para utilização de itinerários e áreas de ultrapassagem;
e) a coordenação do apoio ao combate e do apoio logístico; e
f) outras coordenações que se fizerem necessárias.

5.4.6 ACOLHIMENTO

5.4.6.1 O acolhimento é uma operação onde uma força, que realiza um movimento retrógrado, passa através da Z Aç de outra força que ocupa uma posição estática à retaguarda.

5.4.6.2 Os elementos C Mec, ao atuarem como F Cob Avçd, realizando um movimento retrógrado, comumente são acolhidos pelas forças que ocupam uma posição defensiva.

5.4.6.3 No acolhimento, a força em posição apoia a força que retrai. Esta tem prioridade nos itinerários e nas instalações. As áreas ou pontos selecionados para a passagem das tropas a serem acolhidas devem estar desocupados e localizados entre os elementos da força em posição ou em seus flancos.

5.4.6.4 A fim de se evitar o fratricídio, um plano de acolhimento é preparado e coordenado entre a força que retrai e a que se encontra em posição e, sempre que possível, os itinerários de retraimento dos elementos C Bld e C Mec devem evitar locais organizados da posição defensiva.

5.5 COOPERAÇÃO CIVIL-MILITAR (CIMIC)

5.5.1 As tropas de Cavalaria podem participar de ações de cooperação civil-militar (CIMIC), contribuindo para a consecução dos objetivos militares de uma operação e garantindo um ambiente seguro e estável, de acordo com a natureza da missão.

5.5.2 As atividades de CIMIC abrangem o apoio à missão e às comunidades. As ações das tropas em favor da população refletem no apoio desta e das autoridades às operações militares, principalmente no que diz respeito à obtenção de informações e ao uso de áreas, instalações e recursos locais. Esse apoio proporciona legitimidade de atuação e liberdade de ação para as tropas.

5.5.3 Nesse contexto, as unidades de Cavalaria podem realizar diversas ações, tais como: distribuição de alimentos, segurança de comboios, segurança de obras de infraestrutura, apoio à administração civil e outras atividades junto à população local.

5.6 DEFESA QUÍMICA, BIOLÓGICA, RADIOLÓGICA E NUCLEAR (DQBRN)

5.6.1 A DQBRN compreende as ações relacionadas ao reconhecimento, à detecção e à identificação de agentes químicos, biológicos, radiológicos e nucleares, bem como à descontaminação de pessoal e de material expostos a tais agentes.

5.6.2 Os elementos C Bld e C Mec, em função de atuarem majoritariamente embarcados e dependendo dos meios orgânicos de que estão dotados, possuem condições de operar em um ambiente contaminado por agentes QBRN.

5.6.3 O emprego de elementos de Cavalaria em ambientes contaminados por agentes QBRN implica:
a) na utilização de equipamentos de proteção coletiva para as guarnições das viaturas;
b) na necessidade do apoio de equipes especializadas em defesa QBRN para os trabalhos de descontaminação;
c) no emprego da tropa desembarcada somente com a utilização de equipamentos especiais de defesa QBRN, como máscaras contra gases e roupas protetoras;
d) na necessidade de dotação de detectores de agentes QBRN, além de estojos de primeiros socorros individuais mais complexos, com vacinas e antídotos contra agentes biológicos;
e) no maior grau de complexidade na operação do armamento e de equipamentos diversos; na condução de viaturas e na observação do campo de batalha, em função das restrições impostas pelos equipamentos de proteção individual contra agentes QBRN; e
f) na redução do ritmo das operações e na maior dificuldade para execução das ações táticas planejadas.

5.7 OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

5.7.1 As operações psicológicas (Op Psc) são procedimentos técnico-especializados aplicáveis de forma sistematizada, desde a paz, para influenciar um público-alvo (PA) a manifestar comportamentos desejáveis, com o intuito final de apoiar a conquista de objetivos estabelecidos.

5.7.2 Os elementos de Cavalaria podem contribuir para esse tipo de operação distribuindo material de propaganda e provendo segurança aos elementos especializados de Op Psc.

5.8 GUERRA ELETRÔNICA

5.8.1 A guerra eletrônica (GE) é o conjunto de atividades que visa a desenvolver e assegurar a capacidade de emprego eficiente das emissões eletromagnéticas, ao mesmo tempo em que busca impedir as emissões inimigas, dificultá-las ou tirar proveito delas. É responsável por garantir e manter a liberdade de ação no espaço eletromagnético para nossas forças, enquanto explora ou nega essa liberdade aos oponentes.

5.8.2 As OM de Cavalaria podem contribuir para esse tipo de operação, provendo segurança aos elementos especializados em GE.

5.9 DEFESA ANTIAÉREA

5.9.1 A defesa antiaérea é o conjunto de ações de defesa aeroespacial ativa desencadeado da superfície, visando a impedir, anular ou neutralizar a ação de vetores aéreos hostis, tripulados ou não.

5.9.2 Todos os elementos de Cavalaria, em seus respectivos escalões, contribuem para o sistema de defesa antiaérea ao proceder constante vigilância do espaço aéreo subjacente à sua área de responsabilidade, provendo alerta oportuno sobre qualquer ação de vetores aéreos hostis.

5.10 COMUNICAÇÃO SOCIAL

5.10.1 A comunicação social (Com Soc) é o processo pelo qual se exprime ideias, sentimentos e informações, visando ao estabelecimento de relações e soma de experiências. Compreende as áreas de relações públicas, assessoria de imprensa e divulgação institucional.

5.10.2 As OM de Cavalaria podem conduzir ou participar de atividades de Com Soc por meio do desenvolvimento de ações cívico-sociais (ACISO), influenciando a opinião pública local e, dessa maneira, contribuindo para o esforço das Op Info.

5.10.3 Nesse contexto, elementos C Mec podem prover segurança aos elementos especializados de Com Soc, por meio do emprego de seus meios orgânicos, oferecendo relativa proteção blindada a esse pessoal, enquanto atuam na área de operações.

CAPÍTULO VI

A CAVALARIA NAS OPERAÇÕES EM AMBIENTES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

6.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.1.1 Os elementos da F Ter podem ser empregados em ambientes operacionais com características tão peculiares que exijam da tropa táticas, técnicas e procedimentos (TTP) específicos para o cumprimento de sua missão.

6.1.2 Para fins de preparo e emprego de elementos de Cavalaria, os ambientes operacionais com características especiais estão divididos em **selva**, **pantanal**, **caatinga** e **montanha**.

6.2 A CAVALARIA NAS OPERAÇÕES EM AMBIENTE DE SELVA

6.2.1 O emprego de elementos C Bld e C Mec se restringe a regiões específicas, tais como estradas, localidades e áreas de lavrado, desmatadas ou abertas, que possam existir ao longo dos eixos terrestres.

6.2.2 Nas operações defensivas, participa do sistema defensivo como economia de meios ou, com limitações, das ações dinâmicas da defesa. Pode, ainda, conduzir um movimento retrógrado, condicionado à existência de rede viária terrestre.

6.2.3 Quando desembarcados, e desde que disponham de meios fluviais a sua disposição, elementos fuzileiros e exploradores podem participar de operações ribeirinhas. Frações C Bld e C Mec, por sua vez, podem atuar na defesa ou isolamento de localidades e pontos sensíveis tais como portos, aeródromos, usinas hidrelétricas, entre outros.

6.2.4 A Cavalaria de Selva é a tropa mais apta a cumprir as missões de reconhecimento, segurança e vigilância nesse tipo de ambiente.

6.2.5 Pelas características de seus meios orgânicos, a tropa de Cavalaria de Selva pode operar, de forma descentralizada, possibilitando que suas frações realizem deslocamentos com fluidez pelos eixos terrestres e fluviais.

6.2.6 O ambiente de selva restringe a exploração plena das características básicas da Cavalaria. As principais implicações da condução de operações nesse tipo de ambiente são:

a) redução da mobilidade tática das frações embarcadas em viaturas Mec e/ou Bld, restrita a eixos e espaços abertos junto a estes e às localidades;
b) redução dos campos de tiro e de observação;
c) necessidade permanente de segurança em todas as direções;
d) dependência do apoio de fuzileiros e de tropas de engenharia (apoio à mobilidade);
e) maior atenção à manutenção de todos os equipamentos e armamentos orgânicos das viaturas;
f) dificuldade de exploração das comunicações via rádio;
g) aumento da realização de ações desembarcadas; e
h) restrições ao emprego dos canhões das viaturas e das peças de morteiros.

6.3 A CAVALARIA NAS OPERAÇÕES EM AMBIENTE DE PANTANAL

6.3.1 De forma semelhante ao que ocorre nas operações em ambiente de selva, em grande parte da região pantaneira as tropas de Cavalaria não conseguem explorar plenamente as características da Arma.

6.3.2 No entanto, quando o terreno permitir, as tropas de Cavalaria podem conduzir ou participar de operações ofensivas e defensivas, bem como de operações complementares, particularmente as operações de segurança, conduzidas por elementos C Mec. Podem, ainda, realizar reconhecimentos, condicionados à existência de rede viária adequada.

6.3.3 As unidades de Cavalaria de Selva, Aeromóvel e Paraquedista são as tropas mais aptas a ser empregadas nesse ambiente operacional. As tropas de Cavalaria de outra natureza podem ser empregadas de maneira episódica, a fim de cooperar com o esforço principal da operação.

6.3.4 Valendo-se de sua mobilidade tática e capacidade de combate, as tropas de Cavalaria Mecanizada podem ser empregadas nesse ambiente operacional para conquista e manutenção de localidades, acidentes capitais, entre outros objetivos nesse tipo de ambiente operacional.

6.4 A CAVALARIA NAS OPERAÇÕES EM AMBIENTE DE CAATINGA

6.4.1 Por se tratar de um terreno relativamente plano, com vegetação escassa e amplos campos de tiro, é possível planejar o emprego de elementos C Bld e C Mec e a realização do fogo direto pelos carros de combate (CC) e viaturas blindadas de reconhecimento (VBR).

6.4.2 Devido ao tipo de vegetação, os equipamentos optrônicos e de vigilância terrestre das unidades C Bld e C Mec podem ser amplamente utilizados. A coloração do terreno, muito homogênea, dificulta a identificação de alvos e os movimentos de elementos a pé, sem o auxílio desses equipamentos.

6.4.3 As unidades de Cavalaria Paraquedista e Aeromóvel também são aptas a realizar operações em ambiente de caatinga, desde que estejam aclimatadas e recebam material específico para o emprego nesse ambiente.

6.4.4 As tropas de Cavalaria podem, também, operar ao longo de eixos existentes na área de operações, assim como na conquista e manutenção de localidades.

6.5 A CAVALARIA NAS OPERAÇÕES EM AMBIENTE DE MONTANHA

6.5.1 O emprego de tropas de Cavalaria em operações em ambiente de montanha é bastante limitado. Entretanto, há possibilidade de realização de fogo direto pelos CC e VBR e, sempre que possível, de emprego desembarcado de elementos fuzileiros e exploradores.

6.5.2 Nesse tipo de ambiente, o movimento de viaturas é canalizado para as poucas estradas existentes nos vales ao longo do terreno. Esta característica propicia boas condições de retardamento às nossas forças, quando em operações defensivas. No entanto, quando em operações ofensivas, favorece a realização de emboscadas contra nossos meios blindados e mecanizados.

6.5.3 Dependendo da região, o tiro dos canhões dos CC e VBR pode ficar prejudicado em função da limitação dos campos de tiro. A progressão das viaturas será lenta, sendo necessária a realização de um eficiente e minucioso reconhecimento para detectar possível emprego de armas anticarro ao longo dos eixos.

6.5.4 Em operações ofensivas, se o terreno permitir, os blindados podem ser empregados em apoio de fogo aos fuzileiros e exploradores desembarcados. Quando o terreno apresentar corredores favoráveis ao movimento e que permitam progressão de meios Bld e Mec, estes podem participar do ataque.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas.** MD35-G-01. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2007.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas.** MD33-M-02. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2008.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Emprego da Cavalaria.** C 2-1. 2. Ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 1999.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Brigada de Cavalaria Mecanizada.** C 2-30. 2. ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2000.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Manual de abreviaturas, símbolos e convenções cartográficas.** C 21-30. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2002.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Forças Tarefas Blindadas.** C 17-20. 3. ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2002.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Regimento de Cavalaria Mecanizado.** C 2-20. 2. ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2002.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Instruções Gerais para as Publicações Padronizadas do Exército.** EB10-IG-01.002. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2011.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **O Exército Brasileiro.** EB20-MF-10.101. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2014.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Doutrina Militar Terrestre.** EB20-MF-10.102. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2014.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Força Terrestre Componente.** EB20-MC-10.202. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2014.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **A Força Terrestre Componente nas Operações.** EB20-MC-10.301. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2014.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações.** EB70-MC-10.223. 5. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Ofensivas e Defensivas.** EB70-MC-10.202. Brasília, DF: COTER, 2017.

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES
CENTRO DE DOUTRINA DO EXÉRCITO
Brasília, DF, 14 de dezembro de 2018
www.cdoutex.eb.mil.br